DK CEMAP_POLITIKA_27_DE_MARÇO_A_2_DE_ABRIL_DE_1972_N_23

POLITIKA

Nº. 23 — De 27 de março a 2 de abril de 1972 — RIO — Cr$ 2,00

FUNDO CEMAP DK 86/122

CEMAP - BIBLIOTECA CLASS.

1 *Major Cosme é folklore*

2 *UM DOIDO MUITO SENSATO*

3 *"São" café faz milagre*

4 *COMO FUZILEI MUSSOLINI*

A FACE PARTIDA DO MDB

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

POLITIKA

2

koluna aberta

Alfredo Buzaid

A Editoria

Nós e os cursilhistas

1

Não há dia que passemos sem longas conversas sobre "cursilhos". Embora tenhamos dito e repetido a nossa posição — meramente jornalística — face ao movimento, reconhecemos e até incentivamos o interesse de inúmeros "cursilhistas" que nos procuram para "sentir" o que, de fato, se esconde por trás de nossas palavras. Assim como julgamos que é impossível deixar de haver um propósito político por trás das práticas de massificação dos "cursilhos", entendem os cursilhistas que não pode deixar de haver um propósito político por trás de nossa suspeita. E suspeitam que o nosso propósito é de esquerda.

2

Não estamos autorizados a divulgar o nome mesmo dos "dirigentes" cursilhistas que nos procuraram. E somos obrigados a reconhecer que nenhum deles desejou falar em nome do movimento, fazendo, antes, questão de esclarecer que nos procuravam e falavam em termos estritamente pessoais. Desses encontros, que se repetem a cada dia, podemos tirar algumas conclusões: 1) todos os cursilhistas que nos procuraram para mostrar o nosso erro em apontar o movimento como *de direita* nos pareceram pessoas profundamente honestas; 2) todas, mesmo os dirigentes, nos confessaram que precisariam antes consultar *outras pessoas*, a fim de formular uma resposta aos textos por nós divulgados; 3) nenhuma sentiu, até hoje, qualquer orientação política no movimento e todas se consideram suficientemente lúcidas para perceberem (e aceitarem ou recusarem) essa orientação no momento em que ela se colocar (o que duvidam muito); 4) olham o movimento como uma necessidade de aprofundamento do sentimento e o da experiência religiosas, numa civilização que tende a perder qualquer sentido de compromisso; 5) os cursilhos e as atividades sociais e as práticas religiosas que se seguem (missa em casa, reunião de famílias etc), estão recriando o espírito comunitário cristão, que se diluira; 6) reconhecem que tem havido inúmeras tentativas de infiltração política no movimento, mas que este se mantém eqüidistante das disputas ideológicas ou partidárias; 7) não faz o cursilho quem quer, mas quem é escolhido, e não são todos os cursilhistas que escolhem, embora hajam filas de espera, com milhares de candidatos; 8) reconhecem que o movimento é internacional, mas explicam que não poderia ser de outra forma, desde que é eminentemente cristão e, portanto, universal;9) contra o argumento da massificação, citam um número enorme de personalidades, incluindo médicos, grandes advogados, militares e até psicólogos, que dificilmente se deixariam conduzir como "carneiros"; 10) como conseqüência imediata dos "cursilhos" citam a regeneração de costumes e a coesão familiar entre aqueles realmente tocados pelo espírito do movimento.

3

Até onde vai a dimensão puramente religiosa do movimento, não temos dúvida em acreditar na honestidade e nos efeitos positivos dos "cursilhos". O nosso interesse em discutir o problema não nasce exatamente dessa dimensão religiosa. O que é político, a nosso ver, é a própria existência desse novo espírito comunitário alargando-se pelas camadas mais estratégicas da sociedade brasileira. O caráter *fechado* desse cristianismo. E o exemplo da Espanha e, já agora, do México.

4

Mesmo que os cursilhos não se queiram ou não se reconheçam como políticos, não poderá deixar de ser política a existência dessa massa de cursilhistas. Reúnam, com espírito comunitário, 500 mil jornalistas ou 500 mil banhistas ou 500 mil telegrafistas e nos digam se essa massa pode deixar de ter caráter político? Terá, mesmo que não queira.

5

Pois é a destinação e o comportamento dessa massa que nos interessa discutir. Obviamente, partindo do movimento que a unifica.

Agenda

● O último eco da fusão Bradesco-União de Bancos diz respeito ao comportamento do ministro da Fazenda e do governador de São Paulo, como se fossem "patrocinadores" dessa fusão. Muitos lembram a existência da COFIE, criada especialmente para analisar e promover essas fusões. Ou a COFIE ficou fora desta, ou a dimensão da última fusão empolgou tanto as autoridades fazendárias que a COFIE foi esquecida. Relegada a um segundo plano, digamos.

● Aliás, o Sebastião Néry, com dados oficiais na mão, vai provar que essa história dos bancos mineiros terem ficado **por baixo**, depois da fusão Bradesco-União de Bancos, é puro saudosismo. Minas vem se esvaziando há muito tempo. Em matéria de depósitos e empréstimos, Minas está apenas com 7 por cento do "bolo" de recursos. E nessa área, o governador Rondon Pacheco não parece disposto a atuar.

● Harold Poland, uma das melhores figuras humanas do empresariado brasileiro, e um dos homens de atuação política mais forte (e ao mesmo tempo, mais discreta), nestes últimos 20 anos, lendo e colecionando o "Politika". Em 1966, já eleito pelo Congresso, Costa e Silva convidou Poland para o Ministério dos Transportes. Faltavam ainda alguns meses para a posse e Costa e Silva se preparava para viajar. Poland lhe disse:

"Presidente, eu não posso aceitar o seu convite, agora. Até a sua posse o sr. terá que enfrentar muitas negociações políticas para constituir o seu ministério. Não formalize convites, por enquanto. E esqueça que o sr. me convidou". Quando Costa e Silva regressou, teve uma longa conversa com Poland e desabafou: "O sr. tinha inteira razão; para atender todas as conveniências, eu precisaria de, pelo menos, umas trinta vagas no meu ministério". Uma das miopias da "esquerda" brasileira é não reconhecer a existência de espírito público e autêntico nacionalismo em certos homens que ela considera "de direita". Esse Harold Poland, por exemplo, precisava ser conhecido melhor.

● Mauro Mota fazendo, no "Diário de Pernambuco", o folclore dos apelidos. E referindo-se a um comerciante famoso, mais conhecido por "Salve Rainha": quem fazia negócios com ele saia **chorando** ou **gemendo**.

● Na Paraíba, o governador Ernani Sátiro vai mantendo a coesão da Arena a golpes de discursos violentos. Como muitos correligionários do ex-governador João Agripino estão fazendo **corpo mole** diante da candidatura Álvaro Gaudêncio à prefeitura de Campina Grande, o governador, com seu vozeirão de Sátiro, já disse: "Eu desculpo tudo, até mesmo os erros administrativos, mas uma coisa eu não perdôo, a traição". Um grande número de auxiliares seus tremeu nas cadeiras.

● Partindo para o Nordeste, em missão do Boletim Cambial, o extraordinário Gerardo Mello Mourão, cujo conto, "O Falanstério", é o fino desta edição.

● Limeira Tejo dando os últimos retoques no seu "Jornal de Debates", que pretende lançar no começo de abril.

● Um grupo argentino vai editar, no Brasil, a revista **Matias**, grande sucesso de venda, lá.

● O ministro Buzaid, da Justiça, teve papel importante na superação da crise entre os ministros da Fazenda e do Exterior. Discretamente, Buzaid evitou que mais lenha fosse lançada à fogueira.

■

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Maria
Luiza Penna

O pensamento de Fuller é totalmente isento de angulos retos e progressões lineares. Movimenta-se através de arcos ligando as idéias-vetoras.

BUCKMINSTER FULLER

UM DOIDO ULTRA SENSATO

Por enquanto vivo na terra,
não sei o que sou.
Sei que não sou uma categoria.
Não sou, também, uma coisa – um substantivo.
Eu pareço ser um verbo,
um processo evolucionário –
uma função integral do universo.

*

Sempre que desenho um círculo,
quero imediatamente pular fora dele.

Buckminster Fuller:
Muito doido.
Incrivelmente sensato.
De uma lucidez desbundante.
Acenando pra gente com maravilhas impossíveis — as estrelas — ou com catástrofes irremediáveis — a extinção da raça humana. Pela primeira vez na história, o homem se vê diante de uma utopia realizável — um mundo de abundância — porque todos os problemas podem ser resolvidos através de informação e energia.
As quais aumentam infinitamente.

Tal qual seu domo geodésico — o meio mais leve, firme e eficiente de se fechar um espaço já descoberto pelo homem — o pensamento de Fuller é totalmente isento de ângulos retos e progressões lineares. Movimenta-se através de grandes arcos, ligando as mais diferentes (e ousadas) idéias-vetores à medida que as encontra. Jogando sempre com aparentes digressões que se transformam na melhor via para seu tópico inicial.

Nascido em Milton, Massachusetts.
Expulso de Harvard.
Certa vez pensou em suicidar-se, mas decidiu, afinal, que a totalidade de sua experiência era algo que não podia desprezar.
Em 1927, trancou-se em seu apartamento em Chicago, abandonou o uso das cordas vocais e embarcou num inventário sistemático de seus conhecimentos e experiências que eram tonalizados por uma recusa cartesiana em aceitar qualquer coisa como ponto pacífico.
Inventor de uma série de modos dimaxianos de viver: o carro dimaxiano (três rodas, 200 quilômetros por hora, dando uma volta completa dentro de seu próprio comprimento), a casa dimaxiana (que antecipou conceitos de automação e reciclagem de ar e água); matemático (rejeitado pelos matemáticos, que o consideram apenas um arquiteto brilhante), arquiteto (os da classe acham-no um engenheiro Donjuanesco), visionário, futurólogo, cosmogonista, poeta, filósofo.
Suas análises históricas estão impregnadas do pensamento positivista e consegue aliar o máximo de pensamento lógico a um profundo misticismo órfico: regeneração permanente da vida.
Autor de livros como "Utopia ou Destruição", "Manual Operatório para a Nau Terra" e "Eu Pareço Ser um Verbo", considera-se um escritor (ou pnsador) com uma "prosa ventilada".
E um compreensivista.
Para ele, todos os especialistas fazem parte de uma espécie em extinção e toma suas críticas paroquiais e mesquinhas como um estímulo às suas próprias convicções. Se bem que sua visão do passado seja despudoradamente eclética, sua visão do futuro é notável porque perfaz uma integração de dados científicos com aspirações sociais que, para Fuller, poderão ser realizadas antes do fim do século

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

POLITIKA
4
fantástiko

"O mundo é hostil. Por causa do reflexo condicionado. Como existem pais que olham pelos filhos, eles presumem que há sempre alguém a ampará-los".

UM DOIDO ULTRA SENSATO

A terra era sanduichada entre o céu e o inferno

"Tento sempre ressaltar uma coisa: se fizermos **mais com menos,** nossos recursos serão suficientes para todos. Todos os sistemas políticos estão baseados na premissa de que o oposto é que é verdadeiro. Durante todo esse tempo, admitimos que o fracasso era coisa decidida, sem apelação, que nosso universo estava entrando pelo cano e que era estritamente você ou eu, matar ou ser morto, para sempre. Mas agora, neste século, descobrimos que o homem pode ser um sucesso no seu planeta e essa é a grande modificação que se operou em nosso pensamento.

As transformações que estão acontecendo são ainda desconhecidas de todos, mesmo para os que esperam uma mudança. Se você começa a mapear essas transformações, a mais difícil de delinear é a mudança de atitude, de consciência.

O mundo é hostil. Por causa do reflexo condicionado. O desamparo completo da criança requer um pai. Como os pais tomam conta de um certo número de crianças, elas presumem que há um homem grande para olhar por elas. Isso se transforma em reflexo condicionado. Quando nos encontramos numa encrenca, procuramos um cara maior, mais forte, alguém que nos dirá: — Está bem, siga-me e a gente hoje vai comer fora. Há pessoas por aí que têm algo para comer; a gente vai lá, derruba eles e fica com a comida".

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

"Através da história, o homem procurou explicar suas dificuldades de vida de maneiras diferentes. No começo, dizia que essas dificuldades eram provações que ele tinha de sofrer para chegar a um outro tipo de vida em algum lugar que não aqui. As pessoas se julgavam tão terrivelmente inadequadas que restringiam essa vida futura apenas aos faraós. No começo só havia futuro para o faraó. Depois, para os faraós e os nobres. Em seguida, **todos** os cidadãos (ou seja, a classe média grega e romana). Com o budismo, cristianismo e islamismo, a idéia de uma salvação futura estendeu-se a todos, sem distinções. Durante 1900 anos, essa tem sido nossa história — uma mulher coberta com um chale preto, dentro de uma grande catedral, experimentando o êxtase de saber que, quando morrer, vai poder se reunir às pessoas que amou. Durante todo esse tempo, à medida que o homem ia desenvolvendo sua capacidade de fabricar ferramentas, de construir catedrais e pirâmides, ele ia compreendendo que podia: tomar conta da vida depois da morte de todos e da **vida vivida** do rei. O que era uma idéia nova, embora limitada a uma só pessoa: o poder temporal e divino do rei. O qual se estendeu, com a Magna Carta, também aos nobres e, na época vitoriana, à classe média. Todo o urbanismo, idéias sociais e noções de propriedade estão baseados nestas idéias. Atualmente, elas também perderam sua força porque **pode-se fazer mais.** Parece que estamos chegando a uma fase em que só há:

A solução: fazer mais com menos.

Um universo e apenas uma vida.

Estamos chegando a uma fase em que o homem é bem sucedido a bordo do seu próprio planeta e talvez possamos deixar este planeta, irmos para outros, darmos um jeito nele antes de cada um de nós se transformar em estrela".

O ANTICURSILHISTA

"O homem começa a pensar em termos de um só mundo. Pensava-se muito no inferno. Na antiga concepção do universo, infinito e dividido em dois planos, superior e inferior, céu em cima, inferno em baixo, a terra sanduichada no meio, imaginávamos que esse fogo em baixo pudesse realmente nos queimar. Hoje em dia, já não se fala muito em inferno. Ainda estamos envolvidos pela metafísica, pelo eterno, porém trata-se mais da perenidade com que a mente humana é capaz de descobrir princípios gerais. Para haver um princípio, ele tem de ser eterno. Vejo assim o temporal e o eterno numa completa interação".

UM UNIVERSO CINERGÉTICO E GESTÁLTICO

"Não é conhecendo-se as coisas pequenas, as partes das coisas, que se chega, através de um somatório, ao conhecimento da totalidade. O universo é cinergético e o comportamento das partes não prediz o comportamento de todo. Pergunta-se ao cientista: 'O que é atração das massas?' Não tem a menor idéia. Só sabe que há atração. Trata-se de uma **relação**. Seu porquê é um total mistério. O homem pode descobrir essas relações e comportamentos, mas se acha possuído de uma ignorância absoluta do mistério a priori. Todas as experiências têm começo e final. Todas são embrulhos finitos. Pensa-se assim. Temos esta mente extraordinária que pode constatar e empregar estes princípios eternos mas só podemos colocá-los em usos especializados. Desta forma, tudo que experimentamos fisicamente é sempre um caso especial e sempre terminal".

A FUNÇÃO DA INTELIGÊNCIA

"A mente humana é uma das condições para o processo de regeneração incessante do universo. Do mesmo modo que todas as formas de vida biológica na terra são antientrópicas, reduzindo e colecionando energia nas suas moléculas organizadas, também a mente humana vê os princípios gerais, coleciona essa informação, descobre seu significado e a empregada incessantemente. O homem, agora, é capaz de apreender e empregar os grandes princípios e realmente iniciou-se um processo de participação nos acontecimentos evolucionários. Sua função no universo é fazer certas separações necessárias a fim de manter sua integridade total. Sua capacidade de ajuntar, separar e rearrumar informações é maior que qualquer outra capacidade demonstrável no universo. Esse fato demonstra que ele tem uma função extremamente importante. Nossa experiência nos ensina também que, quando o universo tem funções importantes a realizar, ele promove a regeneração destas funções. O ser humano não poderia se regenerar sozinho e sem assistência a bordo deste planeta, porque nasceu totalmente desamparado. Apesar do seu maravilhoso equipamento — a mente — e todos seus sentidos, ele é desamparado. Mas nosso planeta nos abasteceu de energia comprimida que podemos empregar para fazer de nós próprios um sucesso total no meio ambiente e nos libertar para continuarmos o nosso papel universal. O homem comum começou a perceber por que ele está aqui no universo. Isto é, aliás, o que os jovens estão perguntando permanentemente. Estamos num momento de autodescoberta fantástico e nos aproximando de um relacionamento totalmente diferente com nosso universo. Ao mesmo tempo, o homem sempre arriscou sua própria extinção neste processo de autodescoberta. Sempre. Ia para o mar, seu barco era frágil e ele não voltava. Mas as grandes superações são atingidas somente quando nos arriscamos a cair num precipício. O homem esteve sempre à beira de um precipício. Sempre houve uma bomba e o homem antigo — com sua ignorância e ambição desesperada — tinha uma tendência muito maior para usá-la do que o de hoje, com sua consciência das conseqüências".

A CONTINUIDADE DA VIDA

"Apesar da insignificância física do ser humano no espaço, a vida humana é expressiva porque participa da **integridade** do universo. Pode-se falar do universo sob dois aspectos: o físico e o metafísico. Pode-se falar dele também como de um cenário — em que a terra ocuparia uma parte ínfima — que pode ser traduzido em termos da descoberta einsteiniana da velocidade da luz. A importância disso é que quando olhamos as estrelas, estamos vendo um programa ao vivo que aconteceu 20 mil ou 50 mil ou 150 mil anos atrás. Trata-se de um agregado de acontecimentos não simultâneos. A vida humana é também uma expressão disto - apesar de morte e nascimento individuais. A vida na terra é uma demonstração da antientropia que é a realização mais importante de Einstein. Até a sua época, pensava-se que o universo era um único sistema simultâneo e, como todos os sistemas, estivesse para desaparecer.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

POLITIKA
5
fantástiko

UM DOIDO ULTRA SENSATO

"A política não é a causa. É o efeito. Tudo que acontece, politicamente, se refere às mudanças estruturais que se fixam fora do plano político."

Juventude adota padrão de vida quase miserável e assume posição moral.

Einstein anunciou então que sua demonstração a respeito da velocidade da luz tornava claro que o universo não estava *parando*. A energia que se dissociava aqui se ajuntava lá. Essas energias estavam se agregando e, quando atingissem um máximo de agregação, se dispersavam.

A vida humana pode ser usada também como uma expressão idêntica dessa visão.

DAS ORIGENS

"O homem provavelmente veio à terra como um homem inteiro, uma criatura muito parecida com o que vemos hoje. Pode ter sido mandado através de ondas eletromagnéticas, o que é perfeitamente possível já que ele é um agregado de ondas eletromagnéticas. As freqüências podem ter sido transmitidas. Embora não se possa dizer *como* o homem chegou, pode-se dizer que ele chegou como um homem total porque o universo é inerentemente complexo, um complexo de princípios gerais e o próprio homem também o é. Pretender que o homem seja um a priori não é mais desrazoável do que pretender que o universo o seja e a ciência, pelo menos no que se refere ao universo, não tem outra alternativa. Darwin tentou explicar as coisas — na sua teoria da evolução — a partir de uma única célula.

Isto era basicamente uma réplica da teoria do físico John Dalton — que explicava tudo a partir de um único átomo. Uma das percepções mais importantes da física, nas últimas décadas, é a aceitação da complementariedade fundamental em todos os planos da existência. *Não há uma única chave* e coisas que não complementaridades não são imagens umas das outras."

Haverá tempo em que o homem fará coisas com lógica

HIPPIES X CLASSES

"Quando a juventude adota os padrões de vida das classes miseráveis está sobretudo adotando uma posição moral. Eles sabem, porém, que as mudanças reais só virão quando se elevar os padrões. Sabem que agora é possível se cuidar de todos. Isto torna inválido todo o dogma socialista. É óbvio que não há a coisa chamada classe. Isto é claro como água. Quantos porém percebem isso? Muito poucos. A pergunta é: quão depressa a idéia pode ser disseminada? Quanto tempo levará para que as pessoas percebam que *não é* um problema de fazer descer os que estão em cima, mas subir os que estão em baixo?"

POLÍTICO CONSERVADOR?

"A política não é causa. É efeito. Tudo o que acontece politicamente tem referência a mudanças ambientais ocorridas fora da política. A grande mudança política é a troca dos líderes políticos — o grande faraó, o rei — por pluralidades de representantes democráticos. *O problema é que isto só se aplica a um por cento da humanidade.* Mas vai se chegar lá pois a maior parte dela não é mais analfabeta e pode se informar do que está acontecendo no resto do mundo pela televisão.

Acho que todos estão se transformando ou em Einsteins ou em Cristos, encontrando princípios e compreensão. Acho que chegará um tempo em que a humanidade fará as coisas lógicas espontaneamente. Computadores nos dirão o que todo mundo está pensando a respeito de cada problema. Seremos capazes de agir razoavelmente em relação um com o outro."

UMA SOLUÇÃO ECONÔMICA

"Acima de tudo, somos contra o sistema de contabilidade. Para haver algum sentido você tem, numa sociedade industrial, de operar com planos de prazo de vinte e cinco anos. Temos que nos libertar, no plano da agricultura, do ano fiscal. Quando se opera com a idéia — tendente ao fracasso — do ano fiscal, está-se sempre aumentando a despesa e descobrindo que não se pode gastar nem mais um centavo. O tipo de produtividade que o planejamento a longo prazo lhe dará não é percebido dentro do período de apenas um único ano agrícola. Deste modo, há sempre uma ilusão. Foi o que a Rússia percebeu e, depois dela, a China; o agricultural e o industrial não se misturam. Só haverá uma maneira de juntá-los quando o mundo ocidental for numa base de 25 anos, embora eu não saiba como é que isto se fará. *Isso não é ideologia; é economia pura.* E vai ser uma burrada em cima de outra até que se perceba isso porque o sistema atual não está funcionando. Não está! Completa irresponsabilidade — e por isso a juventude está tão enojada.

Eles sabem que há algo de errado na família. Não sabem o que, mas a eles cheira mal".

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

POLITIKA
6
fantástiko

"Estas coisas não acontecem, nunca, em termos de nação. A idéia de país jamais foi mais do que uma conveniência para os grandes piratas do poder".

UM DOIDO ULTRA SENSATO

O problema é que a universidade é obsoleta. E os distúrbios mostram que ela vai desaparecer.

"No processo do levantar o que está por baixo, os distúrbios sociais têm um papel fantasticamente saudável. As únicas coisas que ficam machucadas são aquelas coisas que são vulneráveis porque vão de encontro à evolução. A função do homem é usar a cabeça e ele não aceitará aquelas maravilhosas tradições que lhe diziam para não usá-la. O problema não é se querer um clima de ordem e calma nas universidades para haver uma mudança construtiva. ***O problema é que as universidades são completamente obsoletas***. Os distúrbios são um sintoma de que elas tendem a desaparecer. Há muito pouca coisa numa universidade que não possa ser feita melhor e de maneira diferente. Se se eliminar a estrutura obsoleta e a ênfase em se ganhar a vida, as pessoas irão para a universidade porque querem explorar e usar suas capacidades. A humanidade irá maravilhosamente bem se não se confundir as pessoas com esse negócio de ter de ganhar a vida. Os edifícios e os equipamentos serão usados genialmente e é disto que os caras que possuem mandatos têm medo. ***Sempre viveram de monopolizar a informação mas agora chegou o tempo em que a coisa é proliferar a informação e estendê-la a todos***."

O JOGO DO MUNDO: SOMA NÃO ZERO

"Ao contrário do que eu pensava, o jogo do mundo, que eu propus, teve uma imensa oposição. A qual poderia ser encarada como um time de futebol, no qual jogavam: Medo, Infamiliaridade, Inércia; a Ignorância seria médio lateral e a Cobiça, centro-avante. A única maneira de se chegar a alguma coisa é ter-se uma visão completamente diferente de nosso mundo, uma ***abordagem informacional***. Vi isso em 1927, quando percebi as grandes modificações que iam acontecer; pude tabelar muitas delas, mapeá-las por meio de várias curvas mostrando os atrasos inventivos, os problemas da produção futura. Comecei então a jogar o jogo de olhar a terra como uma totalidade, como me ensinaram na Marinha. A Marinha estava absorvida nesse tipo [illegible]samento, examinando a terra [illegible]rsos e vantagens.

O homem aceita, crê e confia.

"Qual é o valor do jogo da guerra? " É evidente: não se presta atenção aos limites soberanos. Você os transcende. Então eu vi que se pode ter a mesma vantagem transcendental de olhar o mundo e seus recursos; quis porém saber como usar esses recursos para ***fazer mais com menos***. Isso me trouxe a idéia do Jogo do Mundo. Atravessou muitas fases, muitos nomes, mas sua intenção primordial foi sempre a de trazer vantagens para todos os homens sem se aproveitar de ***nenhum*** homem."

CHINA

"Quando a natureza quer fazer crescer algo delicado e importante, torna-se espinhosa e tende a rejeitar qualquer outro tipo de vida. Do mesmo modo, a China endureceu, fazendo o possível para espantar os estrangeiros e mantê-los preocupados ao máximo com seus próprios problemas. Assim, ela pode se devotar exclusivamente à sua própria industrialização. Estes espinhos — no caso da China — tomaram a forma de guerra psicológica, da guerrilha, o que demonstra a tremenda compreensão psicológica dos chineses. Eles não são maus. Estão simplesmente determinados a sobreviver.

A guerra psicológica, particularmente a chinesa, nos chamou a atenção para muitas coisas: começamos a perceber nossas fraquezas e a querer resolvê-las. A natureza está fazendo algumas coisas muito importantes com a guerra psicológica. Quando não se avança consciente e competentemente, a evolução força o ser humano a fazê-lo. Nascemos ignorantes. Aprende-se por tentativas e erros."

UMA GUERRA CIVIL NOS ESTADOS UNIDOS?

"Se há um amolecimento notável na China — porque já estamos no fim do último plano quinquenal — há a possibilidade de endurecimento — por parte de pessoas que não pensam — nos Estados Unidos. Isto se concretizaria numa guerra civil por volta de 1975 e o homem realmente correria perigo. Algum abutre poderia fazer todo o mundo ir pelos ares."

INDUSTRIALIZAÇÃO DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS

"Se pudermos aguardar os próximos anos, em 1975, quando a China realmente se afirmar — porque, pela primeira vez na história do homem, a maior parte da humanidade conseguiu sucesso material na terra — tudo vai mudar. A industrialização da Índia virá em seguida e, dentro de mais 10 anos, a da América Latina e a da África. O homem poderá ser um sucesso em 1985 com a aceleração que está havendo."

NACIONALISMO

"Estas coisas não acontecem em termos de nação. A idéia de país nunca foi mais do que uma ***conveniência*** para os grandes piratas, os homens que tinham o poder e que queriam dividir e conquistar."

NATUREZA

"Digo simplesmente que aquilo que está e acontece no seu mundo quando você nasce é o que você chama de natural. Você aceita, acredita e confia nisto."

A IMPORTÂNCIA DA EVOLUÇÃO

"Não se deve pensar em evolução como algo extrínseco ao homem. Evolução é o homem, no seu aspecto universal, funcionando como parte do universo. Isto não significa fatalismo.

Nem sempre sabemos ***como*** ou ***para onde*** estamos indo, mas a sociedade está indo para algum lugar. Temos uma tendência a pensar superficialmente, por aparências. Damos importância errada às coisas. Fazemos as pessoas se envergonharem quando não há necessidade disto. A evolução tem sua própria contabilidade e é a única que conta.

O sol nunca ouviu falar do nosso ano fiscal ou de nossas moralidades pequeninas. Cada uma das pessoas que a gente encontra, se retirarmos os envólucros exteriores, descobriremos que há um ser humano real ali dentro. O envólucro está amarrado nas pessoas, mas não foram elas próprias que fizeram isto."

A ESPECIALIZAÇÃO COMO VEÍCULO PARA A MORTE

"Somente se libertando da especialização, o homem poderá ver o que é mais importante e qual o verdadeiro problema a ser resolvido no mundo. A superespecialização foi a causa da extinção de todas as espécies biológicas não mais existentes. O homem é inerentemente compreensivista e sem uma experiência e conhecimentos que ultrapassem essas próprias limitações, ele não poderá achar os princípios gerais. O que nos impede essa compreensão fundamental é o sistema educativo.

Apenas os homens de grande poder e dinheiro lucram com a interação de inteligências enquanto mantém o resto das pessoas ***na linha***, como aquele tipo de especialização que consiste em dividir e conquistar. Isto é uma estrutura de poder. Completamente errada. Não apenas errada e inadequada, como trabalhando em sentido inverso: projetada para extinguir a raça humana."

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Sebastião Nery

"Oposição e sapato branco só é bonito nos outros". Apesar da lição da filosofia popular, o MDB tem uma tarefa de que não pode fugir: a resistência.

O SAPATO BRANCO DO MDB

Ulisses Guimarães

Paula e Silva, coronel de Piancó, na Paraíba, 42 anos de deputado, passou a vida entre o governo e a oposição e teve tempo de aprender bem a diferença entre os dois:

— *"Oposição e sapato branco só é bonito nos outros".*

Acontece que o direito ao sapato branco é condição fundamental para a dignidade de qualquer grupo humano. E sua existência é *conditio sine qua non*, (como os gregos ensinaram e os romanos traduziram) para a legitimidade do Poder. Democracia, direito, justiça, liberdade, tudo isso vira só palavra se não há o sapato branco.

A partir daí é que se fez impossível falar de política sem falar no sapato branco. Mesmo quando a referência é uma caricatura:

a) "Política é conversa" (Otávio Mangabeira)

b) "Política é cochicho" (Bias Fortes)

c) "Em política, conversa de mais de dois é comício" (Benedito Valadares)

d) "As formas cínicas e amorais de viver tomaram um nome específico: chamam-se *realismo*. O que é um político realista? Nada menos do que um sujeito despido de escrúpulos e de sensibilidade, para quem não há compromisso respeitável nem limite na ação corruptora, desde que tanto lhe sirva para conseguir os seus fins. O fundamental no realismo político em voga é a contrafação da verdade, o medo de olhá-la na face, a recusa de ouvir aqueles que podem anunciá-la e apontar-lhes os largos caminhos. Assim, o realismo antes de mais nada, é a consagração da hipocrisia, da falastronice demagógica, a arrogância no erro e a desfaçatez de pretender que se tome pela verdade o que é o oposto da verdade. Quando ouvirdes falar que alguém é um realista, deveis fugir dele: poderá pedir-vos a bolsa e tirar-vos a vida em nome da realidade de sua cobiça. E fará isso sorrindo". (Austregésilo de Athayde), presidente da Academia Brasileira de Letras).

e) "A política deve ser um máximo de dissimulação, um penetrante conhecimento da oportunidade, um frio e sutil aproveitamento de todas as debilidades, um cálculo gelado de todos os esquecimentos e todos os descuidos, um explorar de todas as vaidades, um simular admiração pelos idealismos, uma adoração permanente da força adquirida, sempre pronta para atuar em todos os resquícios do coro eterno das paixões humanas" (Luiz Maria de Pablo, ministro do exterior da Argentina que veio ao Brasil com Lanusse).

Em qualquer desses arremedos de definição, que transcrevi a propósito pois retratam diversas faces da atual vida pública brasileira, está sempre evidente que, em política, nada é possível fazer sem o do outro lado, a oposição, o sapato branco.

E mais: toda tentativa de jogar fora o sapato branco deixa o Poder em situação pior: no meio da rua, de pés no chão. E, mais dia menos dia, o Poder sem oposição acaba se devorando uns aos outros, por falta de uma força externa que represente a contradição ao Poder. É a velha experiência do coronelismo político no interior do Brasil: quando acaba de liquidar os inimigos, começa a matar os compadres.

■

Há moderados que são mais autênticos do que muitos dos que assim se chamam: Pedroso Horta. E autênticos que nem na roupa o são: Padre Nobre.

O SAPATO BRANCO DO MDB

Ulisses Guimarães e Francisco Pinto cumprem seus deveres a seu modo.

O PAPEL DO SAPATO BRANCO

E o MDB com isso? Muito simples. Por mais que o atual sistema político brasileiro seja concentrado e exclusivista, qualquer análise da realidade nacional mostra que haverá, cada dia mais, um papel mais importante a ser exercido pela oposição. Não importa que a ARENA sonhe com o partido único. No dia em que ele viesse, não duraria nada. A própria dinâmica do sistema, para manter-se no Poder, passaria imediatamente à liquidação também da ARENA e, depois, por força dos impactos internos e externos, teria que encontrar novo caminho para a legalização da oposição. Pois não há coisa pior para o Poder do que parecer ilegítimo. Enquanto consegue ser sem parecer, resiste. Quando a ilegitimidade se torna flagrante, a história se encarrega de virar as cartas na mesa.

Está claro, assim, que o MDB, por mais que seja uma oposição consentida, é uma peça necessária. E tudo que é necessário é existencialmente assegurado. O que há a fazer é cada um da oposição, cada um que discorda dos caminhos políticos do governo, dar o melhor de sua contribuição para fazer do MDB um instrumento da luta pela mudança dos atuais caminhos políticos do governo.

Aliás, foi o próprio presidente da República quem encareceu, no pronunciamento político feito na Escola Superior de Guerra, a necessidade de que haja oposição e de que a oposição cumpra seu dever.

Que a oposição saia então para fazer oposição, sem olhar para trás e sem medo de fantasmas. A história prova que, em política, os fantasmas são criados pelos que os vêem, para se darem a desculpa de que mais não fazem porque eles ameaçam.

E, se os fantasmas ameaçam mesmo, paciência. Sempre houve fantasmas e nem por isso a capacidade de fazer oposição foi liquidada em lugar nenhum do mundo. Por que haveria de ser só no Brasil?

A PORTA E A JANELA

É nessa situação que o MDB caminha para uma convenção nacional triturado internamente por sérias divergências. É preciso deixar logo claro que a divergência é um dado bom para a oposição. Se está havendo divergência, é que alguma coisa está viva dentro da oposição.

A luta interna, pois, é saudável e benéfica.

Também importa pouco que uns se chamem de ***autênticos*** e apelidem os outros de ***moderados***. No dia a dia da atividade política, é que o comportamento de cada um define posições. Se é certo que muitos dos chamados ***moderados*** são arenistas envergonhados que muito gostariam de um convite do senador Felinto Muller, é igualmente verdade que alguns dos ***autênticos*** não podem sequer passar por um teste gramatical.

A luta é sinal de vida

Vamos a alguns exemplos: Francisco Pinto, Paes de Andrade, Alencar Furtado, Marcos Freire, Fernando Lira, Alceu, Colares, José Carlos Teixeira, Lisâneas Maciel, Lucena, Gadelha e alguns outros são deputados novos que vieram para o Congresso dispostos a darem uma contribuição ativa e efetiva pela mudança mais rápida desta pasmaceira política que está aí. E porque se lançaram com mais ardor ao cumprimento do mandato e tiveram coragem para tocar o dedo em algumas feridas mais dolorosas da situação nacional, foram logo batizados de ***radicais***, numa tentativa de isolá-los. Como não se isolaram, mas, pelo contrário, ampliaram o grupo dentro do partido, viraram ***autênticos***, nome que, de si, já é uma homenagem e a aprovação do comportamento deles. O que mais se pode querer de um oposicionista além de ser autêntico?

O diabo é que, na mesa dos ***autênticos***, vejo sentados alguns ilustres doutores deputados que não convencem ninguém. Esse engraçado Padre Nobre, de Minas, por exemplo, orador de mil discursos de aplausos a todos os governos, de repente aparece pousando de ***autêntico***. Por que? Só porque anda de rugas com o doutor Tancredo Neves? O reverendo sacerdote-deputado, coitado, não consegue impor autenticidade nem na roupa. Até a batina já está na gaveta. E o Fábio Fonseca, presidente do Atlético de Minas, alienado como uma madre superiora? E o Joãozinho Arruda, de São Paulo, autêntico de ***society***?

Do outro lado, entre os ***moderados***, vejo homens, alguns apesar de todo o cansaço de longos anos de vida pública, e outros apesar de terem vivido toda uma existência nos braços do poder, que de repente entenderam que deviam ser fiéis a um comportamento político que os lançou na oposição e, nela, têm tido uma atitude da maior dignidade e da mais competente posição de resistência, como Pedroso Horta, Nelson Carneiro, Amaral Peixoto, Ulisses Guimarães, Tancredo Neves e outros.

Como é possível achar Padre Nobre e Joãozinho Arruda bons, porque estão apoiando a chapa dos ***autênticos***, e Nelson Carneiro e Ulisses Guimarães ruins, porque articulam a chapa dos ***moderados***? É claro que a posição dos ***autênticos*** é mais de se aplaudir, até porque estão querendo uma atuação mais nítida e mais agressiva da oposição.

Mas também é preciso compreender que homens como Amaral Peixoto, Tancredo Neves, Ulisses Guimarães, Nelson Carneiro, se quisessem ter aderido ao governo, a esta hora estariam mamando tranqüilos nas tetas do Poder e seriam os dirigentes e senadores da ARENA, como Felinto Muller, Gustavo Capanema, todos saídos da mesma escola pessedista.

Pedroso Horta

Amaral Peixoto

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O SAPATO BRANCO DO MDB

Quem não pode abrir a porta, abre a janela. Se a oposição ainda não consegue ver aberta a porta da democracia, nem por isso deve jogar a casa no chão.

O telegrama dos autênticos a Pedroso Horta e a resposta de Pedroso Horta aos autênticos.

Aliás, é de Gustavo Capenama, numa conversa com Afonso Arinos, anos atrás, no Palácio Tiradentes, esta definição do PSD: "O PSD é silencioso, obediente e cabisbaixo".

Ora, se, depois de 64, a maioria do PSD foi para a ARENA para continuar silenciosa, obediente e cabisbaixa, e alguns pessedistas, dos mais importantes (a começar de Amaral Peixoto, ex-presidente; Tancredo Neves, ex-primeiro ministro; Ulisses Guimarães, ex-presidente da Câmara) não aceitaram entregar-se e ficaram comendo, na oposição, o pão que o diabo amassou, é preciso dar a esses homens o respeito histórico que eles conquistaram, quaisquer que tenham sido os erros e as conivências do passado.

Que *moderados e autenticos* vão para a convenção com chapas diferentes, ótimo. Que disputem o comando do partido, ótimo. Que divirjam quanto ao ritmo do passo da oposição, certo. Que até se acusem de mais agressivos e menos agressivos, normal. ***Mas que, em nome de posições internas diferentes, ameacem a unidade da oposição, isto não.*** Por menos que se veja no MDB uma peça consentida do esquema do poder, é preciso ter o mínimo de juizo para saber que, em política, o primeiro passo é o possível. Depois, vem o melhor. Só no fim é lícito sonhar com o ideal. Logo, o fundamental é assegurar a unidade de luta da oposição depois da convenção.

Na Bahia se diz que *"quem não pode abrir a porta, abre a janela"*.

Tenho medo de que os autênticos do MDB, por não conseguirem abrir a porta das aberturas políticas, terminem jogando a casa no chão.

Nesse ponto os *moderados* estão evidentemente com a razão. Se a oposição não tem meios de abrir a porta para dar caminho à mais ampla liberdade e à inteira participação popular no processo político nacional, que ao menos se abram as janelas para que entre o ar de um mínimo de debate. Porque desse ar é que vão alimentar os pulmões na luta pela democracia e pela liberdade.

DOIS DOCUMENTOS

Termino essas notas com dois documentos. O primeiro é o telegrama que os ***autênticos*** mandaram para o líder Pedroso Horte, e que é a melhor síntese dos objetivos do grupo:

— "Momento histórico anunciamos formação chapa para concorrer diretório nacional MDB, reiteramos grande líder nosso objetivo defender integridade e fortalecimento partido. Suas oposições e idéias sustentadas com tanta coragem motivaram estruturação nossa chapa, considerando-o presente em nossas tarefas. Esperamos te-lo em breve na atividade parlamentar e partidária, consagrando sua autêntica liderança. Saudações. a) Comissão de Coordenação Política: Paes de Andrade, Francisco Amaral, Fernando Lira, José Carlos Teixeira, Francisco Pinto".

O outro é a resposta de Pedroso Horta. Ela já tinha sido dada aos autênticos, quando o deputado Francisco Amaral, de São Paulo, o

Francisco Pinto

consultou sobre a apresentação de uma segunda chapa na convenção do Diretório Regional de São Paulo:

"Respondo a sua carta de ontem. Começo por agradecer-lhe a generosa reafirmação de sua prestigiosa solidariedade que me conforta e envaidece. Sei das inspirações do seu espírito público na posição que adotou como intérprete de camadas profundas de nossas bases partidárias.

"Apreciei sobremodo a sua referência ao Roberto Cardoso Alves, cujo nome tem o alto significado de reafirmar o sentido de nossa luta pelo estado de direito, além de fortalecer as hostes emedebistas, pelo prestígio desse exemplar e sofrido companheiro.

"Permito-me, entretanto, e ainda uma vez, reiterar ao bravo colega, o meu apelo pela solução de unidade na renovação do Diretório Regional. E não o faço apenas no cumprimento do dever de líder da Oposição na Câmara dos Deputados. Faço-o, antes de tudo, como paulista e seu companheiro no glorioso mandato que nos outorgou o nosso povo.

Não sujar o sapato branco

"Entendo que a atualidade brasileira reclama do Partido, como último núcleo de resistência institucionalmente consentido, o comportamento de absoluta unidade até para a sobrevivência da Oposição. Somos a minoria que se criou para a histórica batalha da recuperação democrática no Brasil.

"A adversidade mantida por artifícios legais e instrumentos do poder e agravada pela escandalosa desigualdade dos recursos políticos entre nós e o partido oficial impõe-se como indispensável à conquista daquele objetivo.

"Todos os que distinguem com a sua convivência — o você de há muito não é apenas credor do meu respeito cívico como também uma grata presença no meu afeto pessoal — sabem que nesta altura da vida a da saúde só busco cumprir os deveres da minha consciência política.

"E é por isso mesmo que lhe renovo o apelo, na esperança de se poder encontrar, ainda agora, os termos altos de uma fórmula partidária que preserve a coesão do MDB de São Paulo".

Pedroso Horta, com a sua sabedoria dos homens e da vida, e, principalmente, com a sua bravura e fidelidade ao mandato que recebeu de lutar pela conquista da redemocratização, sabe que, nesta hora, quaisquer que sejam as razões das divergências internas, o MDB, como garganta legal da oposição, tem sobretudo um dever: — não deixar sujar o sapato branco..

Fernando Lyra

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

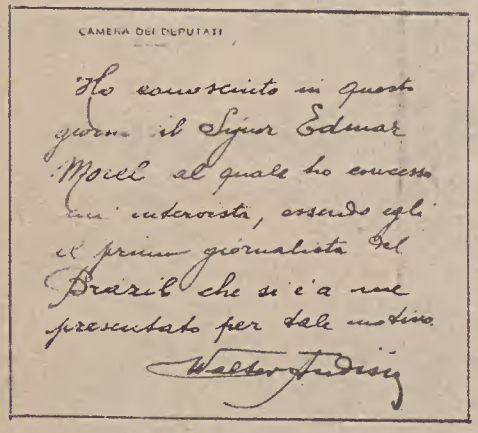
POLITIKA

10

história

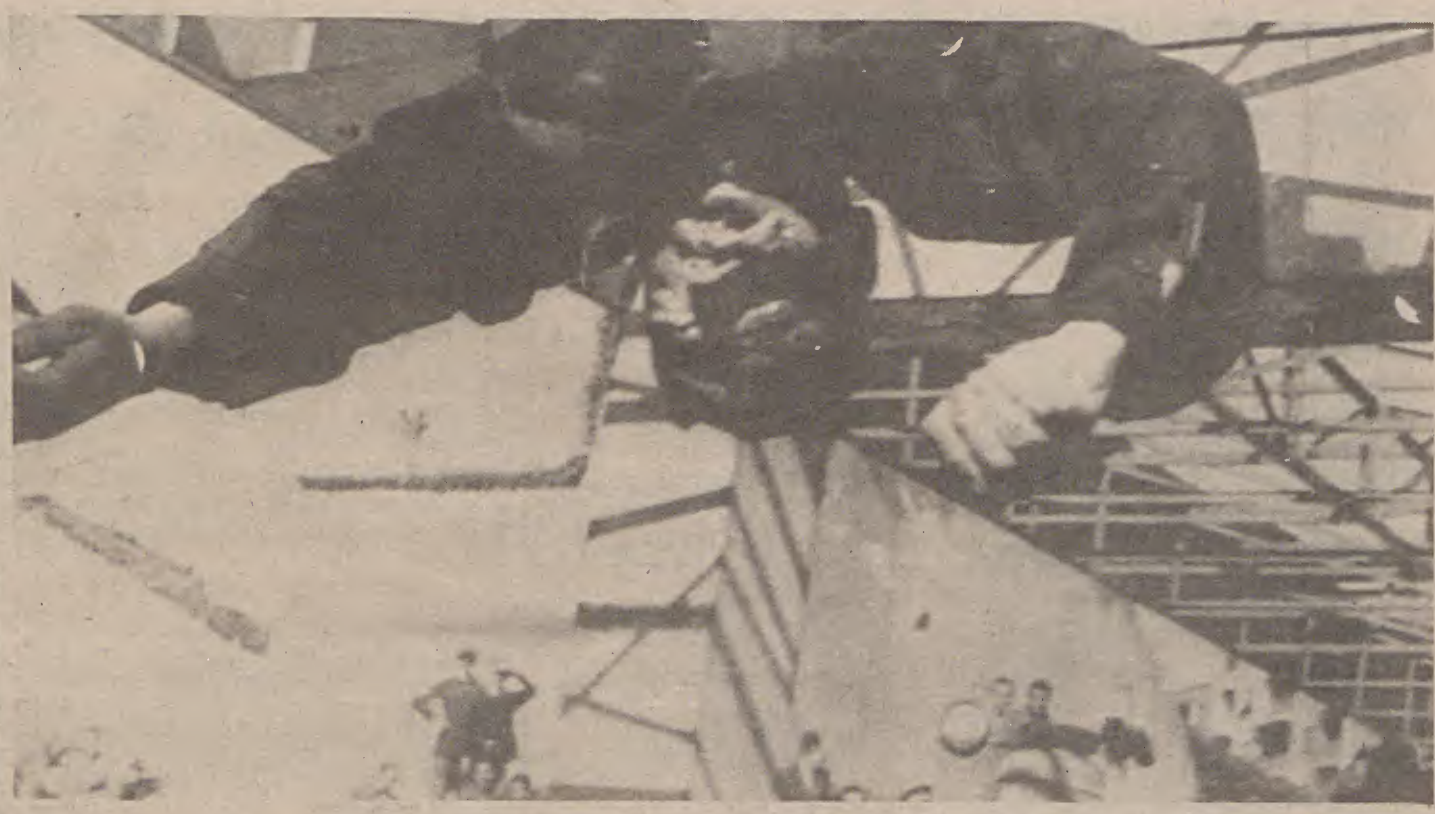
O comandante dos Voluntários da Liberdade dava as ordens: "Mussolini foi preso e deve ser fuzilado, por vontade do povo, o mais breve possível."

Edmar Morel


CAMERA DEI DEPUTATI

Ho conosciuto in questo giorno il Signor Edmar Morel al quale ho concesso un'intervista, essendo egli il primo giornalista del Brasile che si è a me presentato per tale motivo.

Walter Audizio



O coronel Valério, que comandou o pelotão de fuzilamento, contou a Edmar Morel como se comportou Mussolini ao ver chegar a hora de sua morte. Era um molambo humano. Usava uma farda surrada e ainda tentou a arma do suborno para ver se escapava com vida. "Ofereço-te um império". Morreu caído nos braços de sua amante.

COMO FUZILEI MUSSOLINI

Tinha um encontro marcado, em Roma, com o coronel Valério, o guerrilheiro que fuzilou Mussolini, e mais 14 Ministros da efêmera República de Salô, instalada no Norte de Milão. Walter Audizio é o seu nome verdadeiro. Foi um dos deputados comunistas mais votados na Itália. Na clandestinidade, usava, também, o nome de Magnoni Giovani Battista Cezario.

Sou muito grato a vocês, brasileiros — disse-me Walter Audizio, na Biblioteca da Câmara dos Deputados, em Roma.

— Alessandria, minha terra Natal, foi libertada pela gloriosa FEB, em 30 de abril de 1945.

Audizio começou a combater o fascismo quando tinha 14 anos, sendo preso e desterrado várias vezes.

O meu interesse era único. Queria saber como ele fuzilara Mussolini.

— O "Duce", à aproximação dos exércitos libertadores, fugiu dentro de um tanque alemão, sendo preso às 8,30 horas de 27 de abril, pela indomável 52a. Brigada Garibaldina, ao longo da estrada Musso-Dongo.

Estava disfarçado com uma farda de sargento da Luftwaff, acovardado e magro. Levaram-no para uma casinha de camponês, em Giulino de Mezzegra.

"Encontrava-me no Palácio de Brera, sede do Comando Geral dos Voluntários da Liberdade, instrumento militar do Comitê de Libertação Nacional do Norte da Itália, quando fui chamado ao gabinete do General Rafaele Cadorna, que me disse:

— Tenho uma missão importante para você. A missão é em Dongo, onde será aplicado, sem demora, o Decreto no. 5 do Comitê de Libertação Nacional, que ordena a pena de morte para todos os líderes fascistas".

➡

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

COMO FUZILEI MUSSOLINI

A mutilação dos corpos foi o ato consciente de um povo que sofrera os maiores atentados praticados contra um humano: era a vingança de uma Nação.

O "Duce" foi preso: vai morrer

O General, que tinha absoluta confiança no Cel. Valério, chamou-o a um canto:

— Mussolini foi preso e deve ser fuzilado, por vontade do povo.

Cumpra as ordens, sem hesitação, o mais breve possível.

O "DUCE" ERA UM MOLAMBO DE GENTE

A história me empolgava e preferi ficar calado, para ouvir a dramática narrativa do Cel. Valério:

— Tratei de organizar uma escolta com 13 guerrilheiros, de comprovada valentia e disciplina. Consegui um carro, com pneus novos e bastante gasolina. Arranjei metralhadoras e requisitei um caminhão coberto para colocar os cadáveres.

"É claro que, numa região conflagrada pela guerra, com os nazistas em debandada, tudo era confusão. Mas o meu passaporte era taxativo: total liberdade para agir.

"Saí de Milão pela madrugada e atingi Como às 8,30 horas. Pouco depois das 14 horas cheguei a Dongo, onde estavam Mussolini e seus Ministros. Recebi uma página datilografada, com 14 nomes. Todos deveriam ser fuzilados."

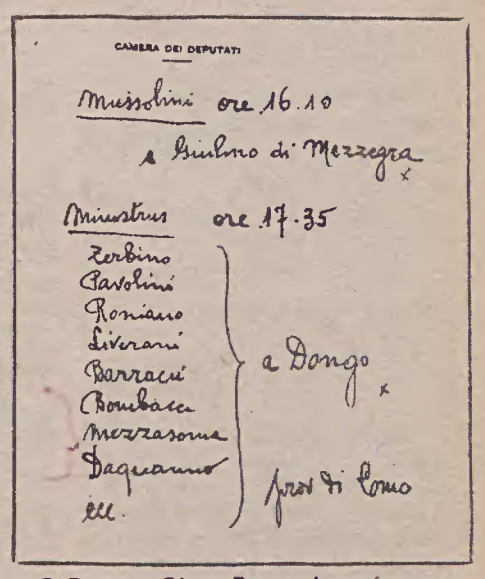
Perguntei ao Cel. Valério onde fora realizado o julgamento, ao que ele retrucou:

— Como poderia haver defesa, se ele foi julgado à revelia e num processo sumário? O artigo 1 daquele Decreto estabelecia que a competência julgadora, durante o estado de emergência, era dos Tribunais de Guerra, que funcionavam na ilegalidade.

"Fui ao porão da Prefeitura e vi alguns presos, reconhecendo, entre outros, o ex-Ministro Zerbino. Os condenados estavam imóveis, tímidos e responderam nervosamente às perguntas de identificação.

Só Barracu falou com altivez. Avisei que eles seriam passados pelas armas depois do fuzilamento de Mussolini.

"Como todos eram católicos, permiti a presença de um padre para confortá-los. Cheguei ao povoado de Giulino de Mezzegra às 15 horas. Caía uma cerração bem forte quando atingi a casa onde estava Mussolini. Encontrei-o com as roupas em dasalinho, metido numa farda surrada, completamente aparvalhado.


CAMERA DEI DEPUTATI

Mussolini ore 16.10
a Giulino di Mezzegra

Ministri ore 17.35
Zerbino
Pavolini
Romano
Liverani
Barracu
Bombaci
Mezzasome
Daquano
ecc.
a Dongo

fronte di Como

O Duce e Clara Petacci morreram primeiro, só depois os ministros

"Ordenei a Mussolini que marchasse até o muro. Não o pensei tão dócil."

Não era um homem. Era um molambo de gente.

"Seu lábio inferior tremia e o olhar parecia o de um animal acuado. Ele tomou a iniciativa de falar.

— O que há?

— Vim libertá-lo . . .

"Fixei-o, demoradamente, para melhor identificação, pois nunca o vira, antes, pessoalmente. Clara Petacci, a seu lado, não dizia uma só palavra.

— Para onde vamos? perguntou-me Mussolini.

Não respondi. Perguntei-o:

— Estás armado?

"Na pressa de fugir, esquecera, por completo, sua companheira. Diante da minha iniciativa, Mussolini fez ligeira caricia nos cabelos de Petacci e, passando à minha frente, já na saleta, falou em tom quase paternal:

— Ofereço-te um império, meu Coronel.

"Muita gente não acredita na frase.

Coloquei o casal no jipão e, numa curva da estrada, mandei parar o carro. Abri a porta e ordenei que Mussolini descesse e marchasse até o muro. Nunca vi um cordeiro tão dócil. Até aquele momento ele não acreditava na realidade. Sem perda de tempo, li a sentença:

— Por ordem do Comando Geral do Corpo de Voluntários da Liberdade, fui encarregado de vingar o povo italiano.

"Não terminei a leitura. Clara Petacci, em suas roupas íntimas, aos gritos, abraçava o amante acovardado. Enfim ele compreendeu a situação. Não pronunciou uma só palavra e olhava-me com os olhos arregalados. Os braços caídos. Naquele momento, lembrei-me do Senhor Todo Poderoso que fora Mussolini, trepado no balcão de Veneza e gritando para uma multidão de histéricos:

— Tenho 10 milhões de baionetas!

"O gatilho da metralhadora portátil enguiçou. Pedi a Guido, meu braço direito na escolta, sua pequena Mitra. Descarreguei, apenas, cinco tiros. Mussolini rodopiou nos joelhos e, com a cabeça sobre o peito, caiu de encontro ao muro. Um tiro perdido alcançou Clara Petacci. Olhei para o relógio e os ponteiros marcavam 16,10 horas".

O Cel. Valério fez questão de escrever com o próprio punho, como fuzilou Mussolini e seus ministros, dando os locais e horas exatos.

Só Barracu foi valente. Com os dois cadáveres no caminhão fechado, rumei para o pátio da Prefeitura de Dongo. Mandei chamar os presos. Ei-los, pela ordem da chegada: Zerbino, Pavolini, Romano, Liverani, Barracu, Bombaci, Mezzasome, Daquano, etc.

Alinhados na praça central e com os rostos voltados para os lados, lá estavam. Em uma distância previamente marcada, formei o pelotão de execução. Somente Barracu falou:

— Sou o Medalha de Ouro Barracu!.

"Ordenei fogo. Os criminosos de guerra caíram, uns sobre os outros. Nisto, ouvi um grito de mulher, vindo do alto de uma janela:

— Fujam!

Era um grupo de fascistas que tentava proteger a fuga de Marcello Pettaci, irmão de Clara. Marcelo foi morto ao tempo em que eu dava o tiro de misericórdia em Zerbino. O relógio marcava 17, 35 horas".

A BESTIAL MUTILAÇÃO DOS CORPOS

— Pedi aos soldados que cantassem hinos patrióticos. A Itália estava livre. E, dentro da noite escura, o canto guerreiro ecoava pelas montanhas, enquanto, no fundo do caminhão, 17 cadáveres eram conduzidos à Praça Loreto, onde chegamos às 3 horas da madrugada do dia seguinte.

A mutilação dos despojos foi o ato consciente de um povo que sofreu os maiores atentados praticados contra a pessoa humana. Mas a Praça Loreto não foi escolhida à toa. Nesta praça, jovens partigianes em número de quinze, foram fuzilados pelos fascistas, na tarde de 18 de agosto de 1944.

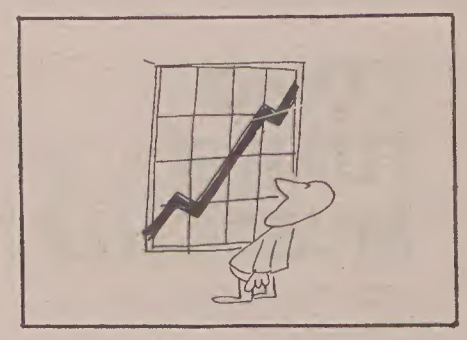
O povo de Milão fez um juramento: O corpo de Mussolini e os de todos seus asseclas seriam expostos ali. E de cabeça para baixo, como se fossem porcos. Em menos de um ano, a vontade do povo foi feita."

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

POLITIKA
12
bacia das almas

Razões de não falar

Quando o ministro do Planejamento, Reis Veloso, afirmou que a Fundação Getúlio Vargas não fala pelo Governo Federal, devia ter razões. E razões bem fortes. Só agora, com a saída da **Conjuntura Econômica** *de fevereiro, apresentando um retrospecto da economia brasileira de 1971, duas podem ser apontadas: (1) o governo diz que o PIB cresceu 11,3% e a Fundação fala de 11,6% (2) o governo diz que a inflação atingiu, apenas, 18% e a Fundação fala de 23,6%, sem publicar. O que se sabe, aprendendo a* **calcular** *nas entrelinhas.*



Editorial

"As melhores coisas da vida são: mulher bonita, fumo forte, café quente e política arrochada"

(Paula e Silva, coronel de Piancó, Paraiba)

Meu governo por um estádio

Não temos nada contra o futebol. Antes pelo contrário. Mas o negócio é o seguinte: outro dia, em entrevista a redatores econômicos de um jornal paulista, o governador Alberto Silva, do Piauí, afirmou, enfaticamente, que seu estado é um problema. E dentre as inúmeras dificuldades citou a inexistência quase total de serviços de esgotos sanitários, exceção feita a Teresina, assim mesmo em caráter precário.

Agora, vejam vocês, no Caderno Econômico do **Globo,** *em matéria paga, de duas páginas, com custo de dezesseis mil cruzeiros a página, o sr. Alberto Silva permite que sua assessoria de imprensa dê destaque à construção de um estádio de futebol, com capacidade para sessenta mil pessoas, "para colocar o Piauí dentro das competições nacionais de futebol, dotando sua capital de uma praça de esportes adequada".*

Ora, minha gente, antes de dotar uma capital de estádio de futebol, é fundamental dar à população as mínimas condições de higiene, de saúde e de vida. E estamos conversados.

Cesar, fale !

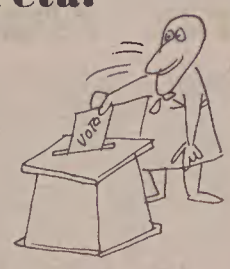
Na fronteira do Ceará com o Rio Grande do Norte, há um vilarejo: Milagres. Bem na beira da estrada, há um Grupo-Escolar com o nome do governador Cesar Cals escrito em letras garrafais. Mas escrito assim: – "Grupo Escolar Cesar *Cale* (com *e*).

Governador, mande chamar essa diretora e ensine a ela que o nome de V. Excia está errado. Se ela insistir, fale: - Cale, professora!

Fonte ecológica

Gilberto Freyre, com muita razão (e igual taxa de orgulho), chama a atenção dos meios intelectuais brasileiros para o caráter pioneiro dos estudos de ecologia realizados, há vinte anos, pelo Instituto Joaquim Nabuco, do Recife. Hoje, a ecologia é o novo ópio dos intelectuais de vanguarda e dos empresários de retaguarda. Aqueles, porque querem despoluir a atmosfera ideológica e estes porque precisam despoluir a atmosfera propriamente dita. Há quinze anos, Anísio Teixeira visitava o Instituto Joaquim Nabuco. Gilberto Freyre quis mostrar-lhe o "jardim ecológico" que ali plantara, reunindo todas as plantas e árvores da região. Como não podia deixar de ser, mandou plantar umas sementezinhas de maconha. Acontece que a cultura da maconha se espraia mais depressa do que o vício de fumá-la. De modo que quando Gilberto chegou ao "jardim ecológico" com mestre Anísio, o que existia era um imenso maconhal. Assustado, Gilberto Freyre mandou que arrancassem a "erva". Que, hoje, bem poderia ser uma fonte ecológica de receita para o Instituto Joaquim Nabuco.

Eleição direta.



O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo está na maior efervescência. E com toda razão. Nos próximos dias 11, 12 e 13 de abril, o pessoal vai ter oportunidade de fazer um negócio que anda meio por baixo: votar, livremente. Vão escolher a nova diretoria da entidade, para os três anos em frente. A chapa de oposição, encabeçada por Hélio Damante, do **Estadão,** *está com um programa porreta:*

(1) escalonamento salarial; (2) liberdade de imprensa, com muita força e muita vontade de conseguir; (3) salário-desemprego, que já existe, mas que precisa ser regularizado; (4) valorização profissional, para evitar que **aventureiros** *lancem a mão de cargos que só à gente compete; (5) debates, conferências e palestras sobre a situação da imprensa no País; (6) dinamização da atuação sindical.*

O negócio, gente, é escolher e votar. Em qualquer das duas, sendo bastante olhar os programas para saber distinguir qual a melhor. Mas o importante é votar. Comparecer, participar.

Birena

Há pouco, houve inauguração da agência do Banco do Brasil em Patos, na Paraíba. No avião, iam o ex-governador João Agripino (ARENA) e o senador Ruy Carneiro (MDB). João pediu a Ruy:

– "Ruy, você vai falar. No discurso, recomende a minha ARENA, como você recomendou a ARENA no Ernani em Pombal."

– "E há duas ARENAS no Estado? A sua e a do governador? Eu não sabia".

No discurso, o senador Ruy Carneiro, do MDB, recomendou. O MDB.

Oitenta aninhos

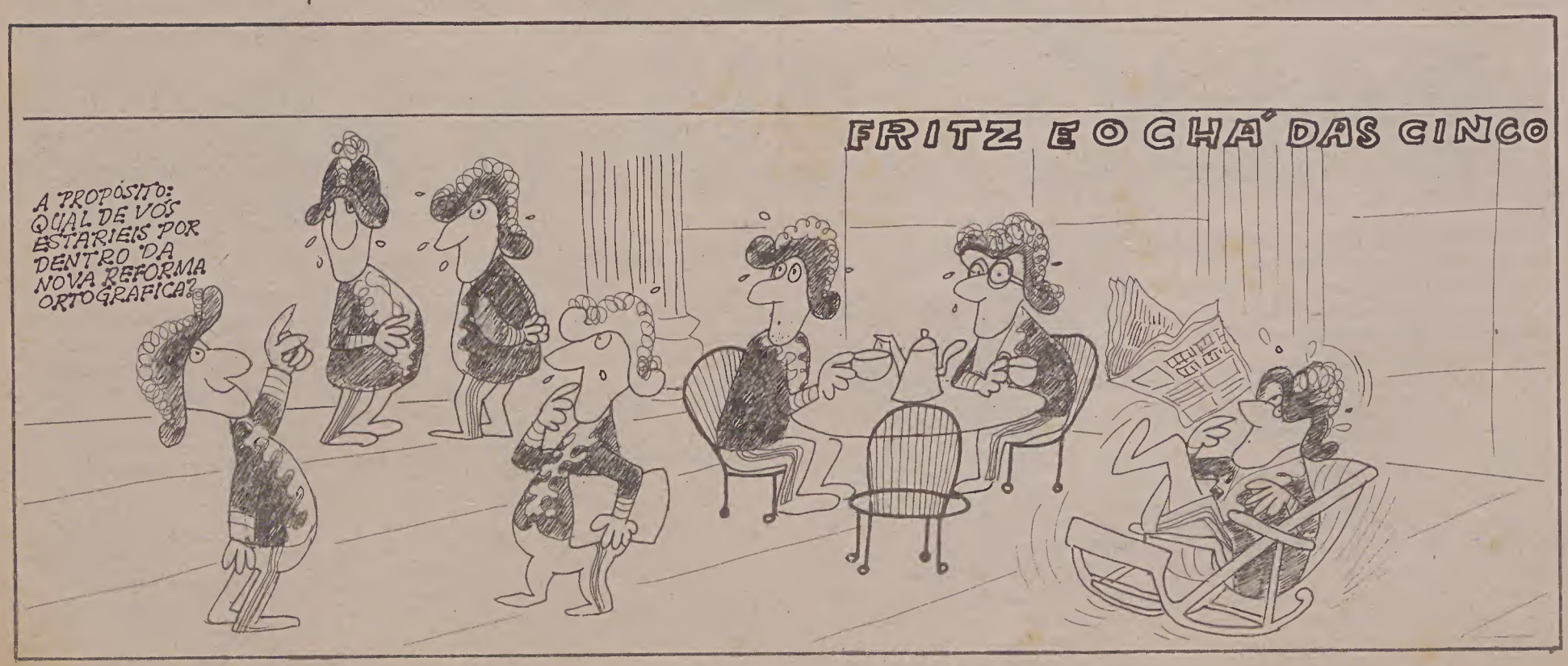
Hamilton Leal, juiz federal da Guanabara (famoso pela independência e bravura, inclusive na sentença que assegurou ao jornalista Helio Fernandes o direito de continuar a escrever, embora cassado) conta o seguinte no livro sobre seu pai – *"Aurelino Leal, sua vida, sua época, sua obra"*:

– "Ao ensejo da eleição do primeiro governador constitucional do Estado da Bahia na fase republicana, do alto de sua autoridade, com arrogância e retinir de esporas, o fundador da República e seu primeiro Presidente enviou ao senador Coronel Inocêncio Galvão de Queiroz, constituinte estadual, a 1o. de junho de 1971, o seguinte telegrama:

– "Espero que aceite indicação Coronel Argôlo sobre eleição. Quero-o eleito. a) Deodoro".

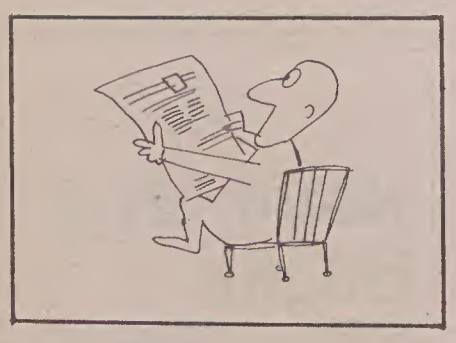
Não é preciso salientar que o brio baiano não se deixou intimidar e, ao pé da letra, deu-lhe a unica resposta que podia dar: elegendo indiretamente, pela Constituinte Estadual, o candidato de sua livre escolha: dr. José Gonçalves da Silva".

O Brasil mudou um pouquinho nesses 80 anos . . .



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

POLITIKA 13 bacia das almas



Último leitor

O Gustavo Corção não perdoa o sucesso de Cândido Mendes na alta hierarquia da Igreja. Em tudo o que o Cândido diz ou escreve o Corção começa a farejar "modernismos" e desvios de rota da nave de Pedro. E manda contestação em cima. Ainda na semana passada "O Globo" divulgou mais um tijolo de Corção contra Cândido Mendes. A tática do Cândido é fingir que não leu. Mas lê. Por isso que um amigo lhe disse: "Eu pensei que o Corção não tivesse mais nenhum leitor. Enganei-me: você, Cândido, é o útimo leitor do Corção". E o pior é que o Corção sabe disso.

Democracia. a abandonada

João Pereira Belmiro, alagoano, vivia com a mulher e seis filhos em condições de extrema pobreza. Ano passado, segundo os jornais de Maceió, arrumou sua mala e disse à mulher: "Vou pra São Paulo ganhar dinheiro e venho te buscar". Já se passam 14 meses, João Belmiro não dá a menor notícia, não manda nada para a mulher e os filhos. A mulher então foi aos jornais, fazer um apelo. Dramático. O que é mais dramático é o nome da mulher: Democracia de Jesus Belmiro. E não é a primeira que é abandonada, nessa situação.

A tara nacional

Duas agências de turismo estão pensando em fazer uma excursão monstro aos Estados Unidos, de costa a costa, culminando com a chegada da caravana a Nova Iorque no dia das eleições presidenciais. Consultaram uma agência americana sobre a possibilidade de serem feitas duas mil e quinhentas reservas em hotéis, para o mesmo dia. Como a agência americana revelasse pessimismo e espanto diante do pedido de reserva, as duas agências daqui esclareceram: "brasileiro é tarado por eleições diretas".

Corrupção ou nomeação ?

O governador do Ceará, Cesar Cals, foi acusado por todo o MDB de estar praticando corrupção administrativa. Aparentemente, a acusação é séria. Tanto que o governador vai mandar processo em cima dos acusadores. Menos violência, gente. O que o governador fez não é corrupção coisa nenhuma. Ele, ao que se diz, permitiu que um certo número de deputados indicasse nomes de professores para serem nomeados, no interior. O MDB, a nosso ver, deveria estudar a lista. Se no meio das professoras fosse nomeada alguma analfabeta, aí sim, a coisa engrossaria. Quem, por acaso, o MDB pensa que indica os delegados de polícia, tanto no Ceará como no resto do Brasil? A Datamec é que não é.

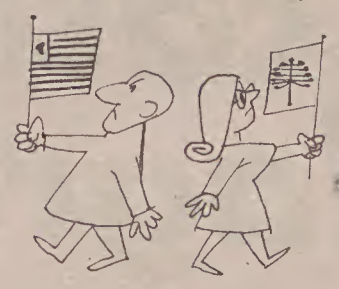
Puk-Puk

Não vamos trocar gentilezas com o "Puk-Puk", o jornalzinho genial que a rapaziada da Faculdade de Comunicações de Porto Alegre está editando. Eles gostaram do **Politika**, mas não é por isso que falamos do "Puk-Puk". Esse jornal tem que ir para a frente porque é um laboratório, a cobaia desses novos jornalistas cheios de sonhos. Mas não parece um jornal-laboratório. É adulto, bem feito, linguagem gostosa. A equipe do "Puk-Puk" está trabalhando na direção certa. Porto Alegre precisa incentivar essa moçada, o Cesar, o Paulo, a Magrinha, toda a equipe do "Puk-Puk".

O vingador

João Meneses, deputado federal, foi lançado candidato ao governo do Pará, pelo MDB. Esses pré-lançamentos, como vocês sabem, fazem parte da campanha subliminar do MDB para fazer vingar o preceito constituicional da eleição direta. É um recurso político válido. Não tendo condições para vencer, mesmo em pleito direto e votação secreta, João Meneses aceitou o papel e diz que disputará o cargo ainda que o candidato da Arena seja o general Magessi ou o próprio Jarbas Passarinho. Por causa de sua candidatura, João Meneses está sendo chamado, em Belém, de "O homem que deve morrer". Pelo menos, ele está partindo conscientemente para o sacrifício eleitoral.

Philomena versus França



Se as eleições estaduais (como manda a Constituição) forem diretas, o Paraná vai se transformar em palco para a mais emocionante disputa eleitoral. Tudo indica que Paulo Pimentel e Ney Braga sairão candidatos. Os dois possuem força popular. Os dois já foram governadores. Os dois conhecem bem os segredos e os caprichos do comportamento eleitoral. Vai ser a campanha do século, no Paraná. Aqui mesmo, dentro do POLITIKA, as duas correntes já estão formadas: os "paulistas", comandados por Jorge França, e os braguistas, por Philomena Gebran. Convidado pelos dois blocos, o Oliveira Bastos preferiu uma posição de sacrifício: vai ficar neutro até o dia das eleições. E no seu pragmatismo cínico, se explica: "alguém, aqui, precisa estar descomprometido para saudar o governador indireto". Será?

Mania de grandeza

O Metrô paulista vai sair mesmo. As obras caminham em ritmo acelerado. O paulista quer ser o primeiro a viajar sob a terra no Brasil e para isso não economiza, nem em verborragia. Os **press release** distribuídos pela Prefeitura são um primor de exagero, para não dar outra qualificação. Vejam este trecho tirado de uma nota oficial, noticiando a compra de duas máquinas para a perfuração do túnel:

"A segunda máquina, procedente da Alemanha, chegará entre os meses de novembro e dezembro. É **automática**, com **auto-propulsão, motor próprio** e apresenta a característica de se tornar **mais rápida** à medida em que mais se movimentar."

O prefeito Figueiredo Ferraz deveria, no mesmo ritmo em que constrói o Metrô, promover um curso de técnica jornalística para os escribas oficiais. Assim é demais. Vá ter mania de propulsão assim na China.

Biblia demais

O governador Eraldo Gueiros, de Pernambuco, dava uma entrevista, na TV Globo, a Hélio Polito. No fim, Polito deu o microfone ao governador:

— Excia. está às suas ordens para as despedidas.

— Olhe, Polito, espero que da próxima vez você me avise com antecedência para sair coisa melhor.

O País inteiro sabe que o governador Gueiros é um ilustre líder evangélico. Mas não fica bem exagerar a modéstia. Sobretudo no vídeo. Pernambuco ficou mal.

De Freud a Pavlov

A notícia saiu do teletipo, vinda diretamente de Moscou:

"Mais de vinte mil pessoas centenárias existem na União Soviética, cuja população se eleva, atualmente, a 246,3 milhões de habitantes. Mais da metade da população é composta por cidadãos cuja idade se situa abaixo de 29 anos. Salientou o anuário **Economia Nacional**, *autor da divulgação, que a longevidade alcançou uma média de 78 anos, indicando, por fim, que na URSS não existe o analfabetismo".*

Com o respeito que nos merecem todas as fontes governamentais de estatísticas — sejam de que países forem — à leitura do absolutismo em termos de analfabetos uma imagem se fixou: por que em todos os regimes ditatoriais as eleições apresentam resultados favoráveis ao governo na base de 99,99%? Haverá ligação entre as estatísticas? Talvez nem Freud conseguisse explicar. Ou Pavlov conseguiria?.

O rombo constitucional

Julgamento, no Supremo Tribunal Federal, do Recurso Extraordinário no. 67.377, de Pernambuco. Diálogo:

Ministro Amaral Santos: **— "Já viu, ministro Thompson Flores, o rombo que o voto de V. Exa. vai ocasionar ao Tesouro?"**

Ministro Thompson Flores: **— "Apercebo-me dos efeitos ora apontados por V. Exa., mas quero apenas cumprir, como juiz, a Constituição".**

Quem duvidar, leia a "Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 1a. Região", agosto de 1970, pág. 15.

É por isso que não há Constituição que se agüente neste País. Usam-na até para consentir rombos no Tesouro.

Consumo de frutas

Os **meninos** *que desfilam todos os anos no baile do Municipal suas fantasias ricas e belas, numa desmunhecação fabulosa, estão todos entusiasmados com o ministro Cirne Lima, da Agricultura, e pensando, inclusive, em se cotizarem para a confecção de uma medalha de ouro para ele. Deve estar acontecendo alguma coisa de errada, mas os bichinhos estão pensando que a campanha para o* **consumo de frutas** *que o rádio, televisão e jornais estão fazendo é para beneficiá-los.*

Certo ou não, o fato é que o Evandro Castro Lima e o Clóvis Bornay estão felicíssimos, nunca foram tão consumidos.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Considerando o desempenho da agricultura brasileira sob o ponto de vista global, nenhum outro será o diagnóstico: foi dos mais lamentáveis, o de 71.

Hélio Duque

"São" café faz milagre

A agricultura brasileira teria tido uma performance espetacular no ano de 1971, se ficássemos adstritos à simples constatação da taxa divulgada oficialmente, que patenteia o crescimento de 11,4 por cento. Contudo, quando partimos para uma análise mais cuidada, sob o ponto de vista global da vida agrícola brasileira, **constatamos que o desempenho da agricultura nacional no ano de 1971 foi um dos mais lamentáveis dos últimos tempos.**

E não há qualquer contradição nisso. Já que se não computarmos o crescimento da produção cafeeira nesse período, iremos assinalar que a agricultura brasileira teve um comportamento tão medíocre, que seu crescimento em relação aos anos anteriores foi de somente 1,7 por cento.

Para se ter uma idéia mais clara desse retrocesso, basta afirmar que nos anos anteriores o crescimento do setor agrícola estava em torno de 4,3% até o máximo de 5 por cento.

E a maior contradição desse fato: a taxa real de crescimento poderá trazer muitos futuros problemas para a economia brasileira, já que a demanda interna de produtos alimentares cresce à taxa mínima de 3,5 a 4,5 por cento ao ano. Logicamente, como esse crescimento real no ano de 71 foi de 1,7 por cento, está patenteada uma distorsão que parece indicar que poderão os resultados agrícolas projetarem-se desfavorávelmente nos níveis de preços aos consumidores, nas áreas onde são ineficientes os artifícios governamentais de controle e nas classes da população de menor poder aquisitivo. Em última análise, o grosso da população brasileira, segundo os dados do Censo Econômico de70, que mostrou claramente que cerca de 24 milhões de brasileiros da chamada população economicamente ativa recebem salários inferiores a Cr$ 500.

Crescendo as lavouras em apenas 1,7 por cento no ano passado, as metas do planejamento governamental, que previam um crescimento agrícola superior a 7 por cento, sofreram um seríssimo arranhão

Não fosse a atividade cafeeira que teve um crescimento global do setor em relação a 70 de 120,6 por cento, não se poderia divulgar que o crescimento global do setor agrícola fora de 11,4 por cento, em 1971.

Ou, explicando mais claramente: o crescimento foi de 11,4 por cento em virtude, unicamente, do desempenho da lavoura cafeeira, que de certa maneira não podemos classificar como um incremento simplesmente. Sabem por que? Pelas seguintes razões:

1 — Nas safras cafeeiras dos dois anos anteriores, 69/70, fatores ecológicos modificaram os índices de produção do setor. A **geada** (destruição do café pelo frio excessivo) de julho de 69, que arrasou os melhores cafezais do Paraná e de São Paulo, reduziu em mais de 60 por cento o ritmo de desenvolvimento da cafeicultura brasileira. Tanto assim que o Brasil para atender os compromissos insternacionais de venda, teve que utilizar as reservas armazenadas há alguns anos. Isto quer dizer que as safras cafeeiras desses anos foram tão irrisórias, em função da ação devastadora da **geada,** que tivemos de sacar do estoque armazenado.

2 — Nesses anos anteriores, a média de produção de café sempre esteve entre 25/30 milhões de sacas ao ano ou um pouco mais. Nos últimos 20 anos, foi essa a média da produção cafeeira, excetuando-se os anos de 55, 66 e 69, período em que as **geadas** dizimaram as grandes plantações.

3 — Ora, no ano de 1971, o Brasil produziu por volta de 23 a 24 milhões de sacas de café, voltando o produto, após dois anos, à antiga posição de maior elemento agrícola da economia brasileira. Logicamente, não houve crescimento, mas apenas um retorno, ainda para menos, na produção real desse produto. É por isso que o aumento do café em relação ao ano anterior, foi de 120,6 por cento.

4 — Finalmente, crescimento em termos percentuais globais o setor café teria, na economia brasileira, se tivesse passado a produzir 35/40 milhões de sacas de café ao ano. Fora disso, não. É repetir o mesmo desempenho dos anos anteriores. É isto, manter os mesmos níveis de desempenho anteriores, nunca foi crescimento. Na melhor das hipóteses, foi um retorno às origens.

5 — Logicamente, se visto qual o papel desempenhado pela produção agrícola cafeeira no crescimento geral da agricultura nacional, só podemos afirmar objetivamente que, se não fosse a grande safra cafeeira do ano de 71, o crescimento real do setor agrícola brasileiro teria sido de tão somente 5,3 por cento. Não é verdade, ministro Cirne Lima?

Para termos uma idéia mais global, eis o confronto das variações do produto das principais culturas nos anos de 1970 e 1971, caracterizando, de maneira clara, os problemas ocorridos no setor:

VARIAÇÕES DO PRODUTO REAL NO SETOR PRIMÁRIO

	1970	1971
1 — Lavoura	(mais) 6,3	(mais) 14,8
2 — Algodão	(mais) 0,2	(mais) 17,0
3 — Amendoim	(mais) 16,0	(mais) 3,7
4 — Arroz	(mais) 17,1	(menos) 19,7
5 — Batata	(mais) 4,5	(mais) 4,2
6 — Cacau	(menos) 15,8	(mais) 7,0
7 — Café	(menos) 30,2	(mais) 120,6
8 — Cana	(mais) 21,0	(---) 0,0
9 — Soja	(mais) 38,4	(mais) 47,0
10 — Trigo	(mais) 42,5	(mais) 11,5
11 — Prod. Animal e Der.	(mais) 4,3	(mais) 4,2

Não somos adeptos do pensamento econômico fisiocrático, mas nessa hora seria oportuno relembrar os conceitos do **Tableau Economique**, de François Quesnay. Principalmente para os palenejadores do nosso desenvolvimento agrícola. O desempenho da nossa agricultura em 71 veio a demonstrar a debilidade crônica do setor, carente de uma verdadeira política agrícola a longo prazo e dependente, até agora, de instrumentos incompletos, como a política de preços mínimos, que se cinge à conjuntura, e a política creditícia, sujeita a distorsões em sua administração.

A agricultura brasileira tem de ajustar-se a essas necessidades: a) a da demanda interna, sempre crescente em função do aumento gradativo da nossa população; b) a da elasticidade da demanda resultante do crescimento da renda; c) o da grande demanda advinda dos mercados internacionais.

Contudo, para que se atinge esses objetivos, tornar-se necessário corrigir os vícios e os defeitos de setores vitais, como transporte, armazenagem, irrigação, mecanização, etc.

Não podemos mais relegar a agricultura a soluções na base da improvisação ou mesmo de medidas sem longo alcance. O planejamento científico é uma necessidade à nossa realidade agrícola. Afinal, o Brasil-Grande, que todos queremos e desejamos ardentemente, não pode prescindir desse setor.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Sebastião Nery

Cosme de Farias

COSME DE FARIAS

Contei a vida dele no número 13 de POLITIKA (**"Cosme de Farias, Senhor do Bonfim dos Pobres"**). Começava assim:

— A casa dele não tem asfalto. É terra batida. A frente da casa dele não tem passeio. É chão batido. A casa dele não tem taco. É cimento batido. A cama dele não tem luxo. É colchão batido. Conhecido como ele na cidade só o outro. O outro mora numa casa toda de ouro, no alto da colina. Ele mora numa casa toda de barro, na beira do vale. O outro é o padroeiro da cidade. Ele é o padroeiro dos desvalidos.

Mendigo, ladrão, órfão, prostituta, são todos irmãos dele. Foi miserável, abandonado, marginal, **off-side** da Lei, é da família dele, Major Cosme de Farias. Não tem parentes, não tem casa, não tem nada. Mora na casa dos outros, dorme na cama dos outros, come a comida dos outros, vive a vida dos outros. Quando é dia de receber pagamento, a fila está lá fora, esperando que ele saia. Distribui tudo. Também não paga nada. Todos o conhecem. Quando anda pelas ruas, há sempre alguém segurando-o pelo braço, como a um Cristo trôpego. E é o que ele é. O Cristo vivo da Bahia.

Na semana passada, Cosme de Farias morreu. 96 anos. Ia fazer 97 no dia 2 de abril. 75 anos de advogado dos pobres (jamais cobrou um tostão), vereador no século passado, deputado em 1972. O parlamentar mais velho do mundo. Falava nas conversas com Seabra, nos almoços com Ruy, nos juris de 1900, como quem fala de ontem. Era o contemporâneo da história.

A Bahia lhe deu a única homenagem do tamanho de sua grandeza humana: fez de seu enterro uma passeata de ternura, uma escaramuça de amor. 100 mil pessoas arrebataram o caixão do cortejo oficial e sairam horas e horas pelas ruas da cidade levando-o como se não fosse o cadáver de um homem, mas uma pétala soprada. Ele foi o melhor de todos os de sua gente.

1

Quando morreu o velho Luís Viana, ex-governador da Bahia, no começo do século, Cosme de Farias já era o grande tribuno do Estado. Foi escolhido para fazer o discurso no cemitério do Campo Santo. A certa altura, disse:

— É tal a orfandade em que a todos nos deixa a sua morte, que sentimos vontade de também ser com ele sepultados.

Atrás, estava o professor Hermano Santana, filólogo do Colégio da Bahia, homenzarrão imenso, conhecido como "abacate sem caroço", que naquele mesmo instante deu um espirro tão forte, que Cosme de Farias levou um susto, desequilibrou-se e quase caiu dentro da cova. Sem perder o fio da meada, olhou para trás e consertou:

— Mas isto é uma mera figura de retórica.

2

Quase setenta anos depois, Luís Viana Filho era governador e foi visitar o velho Cosme:

— Major, espero que dentro de quatro anos possamos comemorar seu centenário.

— Não vejo porque não, governador. O senhor ainda está bastante forte.

3

No Tribunal do Juri, o promotor Joaquim de Almeida Gouveia, famoso por sua dureza, terminava uma acusação:

— Agora, vocês vão ouvir as razões da defesa, na palavra de Cosme de Farias, o campeão das absolvições. Pois eu me honro de ser o campeão das condenações.

E sentou-se. Cosme de Farias ficou também sentado, calado. O promotor o provocou:

— V. Excia está triste, major Cosme? Já está sentindo o amargor da derrota?

— Não, doutor promotor. Estou triste mas é de pena de V. Excia. de seu sofrimento, indo todas as noites para casa carregando nas costas tantos anos de condenações. E mais triste ainda por saber que as varizes e as hemorróidas de V. Excia são essas condenações que estão explodindo para fora de seu corpo.

O réu foi absolvido.

4

Era no tempo em que os crimes contra a honra e os costumes eram julgados pelo Tribunal do Juri. O réu foi acusado de estupro. Na acusação, o promotor descreveu:

— O réu com as duas mãos, segurou pelos ombros a vítima já caída, impossibilitando qualquer reação, e deflorou-a.

Cosme de Farias perguntou apenas:

— Excia, quem guiou o ceguinho?

O réu foi absolvido.

5

Em Catu, cidade próxima a Salvador, houve um crime bárbaro. A população estava enfurecida, querendo linchar o criminoso. E ameaçou escorraçar o advogado que ousasse ir lá defender o réu.

Pois ele foi. De trem. Na estação, havia uma multidão esperando-o debaixo de vaias. Ele subiu em uma janela e gritou:

— Cala a boca, canalha! Mas é desta canalha que eu gosto, porque foi esta canalha que derrubou a Bastilha.

Meia hora depois, foi levado carregado para o juri.

6

Um ladrão entrou na Igreja do Senhor do Bonfim e roubou as esmolas que o povo joga lá dentro. Cosme de Farias foi para o juri:

— Senhores jurados, não houve crime. Houve foi um milagre. Senhor do Bonfim, que não precisa de dinheiro, é que ficou com pena da miséria dele, com mulher e filhos em casa com fome e lhe deu o dinheiro, dizendo assim: — "Meu filho, este dinheiro não é meu. Eu não preciso de dinheiro. Este dinheiro foi o povo que trouxe. É do povo. Você, meu filho, é o povo com fome. Pode levar o dinheiro". E ele levou. Que crime ele cometeu? Se houve um criminoso, o criminoso é Senhor do Bonfim, que distribuiu o dinheiro da Igreja. Então vão busca-lo agora lá e o ponham aqui no banco dos réus. E ainda tem mais. Senhor do Bonfim é Deus, não é? Deus pode tudo.

Luís Viana Filho

Se ele não quisesse que o acusado levasse o dinheiro, tinha impedido. Se não impediu, é porque deixou. Se deixou, não há crime.

O réu foi absolvido.

7

Seu último discurso foi no dia em que assumiu o último mandato: deputado pelo MDB da Bahia. Uma profissão de fé democrática de 13 minutos, defendendo eleições diretas para todos os mandatos, inclusive Presidente da República:

— "Aprendi com Rui que fora da lei não há salvação. Escolhi o caminho mais difícil da oposição. Preferi o lado mais fraco para defender o ideal mais forte: a liberdade. Vi cair o Império e nascer a República, tendo vivido todos os lances libertários de nossa Pátria".

As galerias explodiram em aplausos. Sentou-se, muito digno em seu terno branco e colarinho duro, perguntou ao colega ao lado:

— Diga com franqueza, companheiro, eu fui bem?

97 anos de vida, 80 anos de luta. E se apagou bom, puro e intocado como um menino de jardim de infância.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O Falanstério começou quando três poetas descobriram que as Sagradas Escrituras dizem que o trabalho é a condição dos indivíduos amaldiçoados.

Gerardo Mello Mourão

O Falanstério

Christhian Dior

— Ora, havia no tempo da descoberta do biocronos um grupo de pessoas que tomara a liberdade de banir-se a si mesmo das seduções da sociedade de consumo. Era o Falanstério.
Não são muito claras as origens do Falanstério. Alguns cronistas eruditos pretendem remontá-lo a certas seitas órficas, fundadas pelo próprio Orfeu, e instaladas por esse duvidoso filho de Calíope, em épocas ainda mais duvidosas, nas montanhas da Grécia. Outros, documentados em passagens mais ou menos bifrontes de Santo Agostinho, que também andou metido nos ritos e mistério do orfismo, colocam no Monte Carmelo, numa escala de profecias ali mantida pelo profeta Elias e outros santos varões, o berço e a raiz do Falanstério
Essas, porém, são especulações que me parecem pedantes e livrescas. Prefiro, por isso mesmo, a modesta versão que me foi dada por um repórter da "Gazeta de Notícias", que se limita à verificação objetiva do fato naquele tempo. Sem ir à Grécia nem à Palestina, o que aquele repórter apurou é que a idéia do Falanstério começou num arrabalde de Buenos Aires, pelas bandas de Caballito, em torno da mesa de um bar, com três poetas que decidiram, ao contrário dos cristãos e dos judeus em geral, acreditar nas Sagradas Escrituras, segundo cujo texto expresso o trabalho é uma coisa maldita por Deus. O homem abençoado pelo Senhor, não trabalhava. E o trabalho é, conforme o Livro do Genesis, capítuo III, versículo 17, a condição do indivíduo amaldiçoado.
Fiéis ao Genesis e àquela lição de Léon Bloy, segundo a qual o trabalho é a oração do homem escravo, e a oração é o trabalho do homem livre, os rapazes de Buenos Aires fizeram um pacto: substituir a abastança de bens materiais, que provoca nos homens o apetite de trabalhar mais, para ganhar mais e comprar mais, pela refinada delícia dos luxos elementares e a volutuosa fruição das coisas essenciais.
A sociedade ocidental e capitalista, que cultiva fervorosamente a religião do trabalho, da produção e do consumo — três coisas distintas numa só verdadeira — não os entendeu. Eles também passaram a ignorá-la, certos de que ignorar uma coisa é a maneira mais eficaz de destruí-la.

Rapazes da TFP

Delfim Neto

Banidos, assim, voluntariamente, da vida da sociedade de consumo, atravessaram a fronteira da República Argentina, passaram o Uruguai, embarcaram na terceira classe de um navio japonês, o Arabia Maru, e chegaram ao Rio de Janeiro com a comprovação de acerto de suas idéias. Pois nem o mar nem o tempo se encurtaram para os conspícuos passageiros da primeira classe, e chegaram todos ao destino pelo mesmo caminho e à mesma hora.

Do Rio acabaram seguindo para o Nordeste do Brasil. Durante a viagem, várias pessoas se converteram à sua seita elementar, de modo que ao chegarem à praia que haviam escolhido para residência, eram já uma pequena falange de profissionais da arte de ser e existir. Estava fundado o Falanstério.
Instalados à beira-mar, não tinham, é certo, automóveis nem geladeiras, nem restaurantes nem relógios, mas eram donos da brisa marinha, da lagosta moira e da lagosta ruiva, das frutas frescas e das mulheres douradas pelo sol e lavadas pela água verde do Atlântico. As mulheres não tinham vestidos de Courrèges nem sapatos de Dior, o que, de resto, era até uma comodidade para a prática de amor, que dispensa o embaraço das roupas e só se dá bem com a plenitude da nudez. De forma que a susgestão do amor resultava mais apetitosa e mais convidativa na praia do Falanstério, do que na própria ilha de Aristóteles Onassis ou na vila do Aga Khan.
A sociedade de consumo tomou conhecimento do Falanstério, pela primeira vez, quando os corretores da Lifeinvest investiram sobre ele com deslumbrantes ofertas de dinheiro para comprar o biocronos de seus membros. Foram feitas propostas a grosso e a retalho, que o Falanstério repeliu como uma insolência e um despropósito. Mesmo porque o dinheiro não é um valor objetivo, mas apenas uma relação de troca, que serve para quem quer comprar e vender. O Falanstério não queria comprar nada e, pois, o dinheiro ali não valia realmente nada.
Os corretores e os milionários, que já haviam acaparado todo o estoque de biocronos do resto da humanidade, não podiam compreender que alguém não se interessasse por dinheiro e desconfiaram que o Falanstério fosse um agrupamento de frustrados e semiloucos. Despacharam, então, para lá uma equipe de psicólogos, técnicos de comunicação e economistas, precedida por uma equipe apostolar dos engalanados mancebos da Tradiçao, Família e Propriedade, e liderados pelo dr. Roberto Campos e o dr. Delfim Neto, para convencerem os poetas e artistas, dopados por um monasticismo dionisíaco, das excelências do capital e da reserva monetária. Para melhor eficiência da propaganda, os *contact-men* da equipe levaram *posters* de *play-boys* que, amarrados ao rabo curvo de lanchas voadoras, deslizavam triunfantes nas águas das Bahamas, no rumo de iates fabulosos onde os aguardavam estupendas mulheres seminuas. Trouxeram também uma frota de carros-fortes da Brink's, carregados de dinheiro vivo, em moeda forte e em barras de ouro.

➡

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O Falanstério

Propuseram-se ao Falanstério para trabalhar como escravos, em troca de alimentação. Mas foram recusados. Não havia o trabalho e sobrava liberdade.

Roberto Campos

O Falanstério não se impressionou. Não precisava de iates e achou, com razão, que era muito mais cômodo e volutuoso comer as mulheres ali mesmo na praia, sob os coqueiros, do que ter de fazer acrobacias sobre as ondas para alcançá-las.
Como os corretores e os economistas continuassem insistindo, acabaram sendo todos corridos a pau, inclusive os rapazes da TFP, que já estão acostumados a isso, mais o dr. Campos, o dr. Delfim e os carros da Brink's, que não estão. Destes últimos, aliás, deixaram cair, na fuga precipitada, montes de dólares e de barras de ouro. Um pintor aproveitou algumas notas para a colagem de uns quadros bizarros, tirando um bom efeito da efígie de George Washington e dos zeros das cédulas de mil. Um músico conseguiu fundir uma barra de ouro para fazer uma flauta, enquanto os meninos e os escultores se serviram das outras para a montagem de escultura na areia ou de mobiles calderianos, pendurados com arame na fronde dos coqueiros.
Mas o capitalismo é tenaz. Como já não dispusessem de agentes e corretores que, convencidos por sua própria propaganda, haviam vendido seus biocronos e estavam mortos, resolveram os milionários ir em pessoa ao Falanstério, com suas mulheres e filhas. Levaram presentes e lisonjas, e recomendaram às mulheres que fossem amáveis com o Falanstério, pois haviam aperfeiçoado, na experiência milenar da classe, a tática de Alcibíades: — não há fortaleza inexpugnável quando se consegue introduzir uma fêmea em suas alcovas.
O certo é que, depois de algum tempo, os poetas e os pintores haviam comido todas as mulheres e todas as filhas dos milionários que, apesar disso, ou por isso mesmo, se faziam cada dia mais mansos e mais blandiciosos. Passadas algumas semanas, porém, desconfiaram haver caído num logro, pois as mulheres, a pretexto de ocupar-se o dia inteiro com a atenção aos homens do Falanstério, haviam já, na verdade, abandonado os maridos e as famílias. Estavam integradas no Falanstério.
Mas os milionários são astutos. Ofereceram-se para substituir as mulheres nos serviços a que elas se prestavam. Foram recusados, e o Falanstério repeliu a proposta com repugnância.
Depois de algum tempo, começaram a escassear e, finalmente, terminaram as reservas de mantimentos dos milionários. Propuseram uma compra ao Falanstério, esquecidos da lei econômica de que quem não compra não vende, e obstinadamente viciados na fé e no dogma de que o dinheiro compra tudo.
Não compra, pelo menos no Falanstério, até porque o Falanstério não produz nada para vender.
Jejunos de mulher e de comida, mergulharam rapidamente no desespero e na abjeção.
Por um pedaço de pão tornaram-se capazes de todas as vilezas e degradações.
Um dia, tentaram matar uma criança para roubar um prato de comida. O roubo, porém, era um ramo de negócio do qual só tinha know how por atacado, ignorando o virtuosismo do varejo, e deram-se mal. Foram exemplarmente punidos pelo Falanstério.
Começaram, então a pedir a morte. Tentaram o suicídio de diversas maneiras, mesmo as mais cruéis. As tentativas, porém, se frustraram, porque o vigor dos biocronos maciçamente acumulados nas veias e nos musculos, lhes devolvia, prontamente, a saúde e a vida. E o estômago, quando não tinha mais o que digerir, se digeria a si próprio, com dores lancinantes, voltando a reconstituir-se, por uma espécie de ruminação metabólica das fezes e dos vômitos devorados.
Propuseram-se ao Falanstério para trabalhar como escravos, em troca de alimentação.
Mas o Falanstério, primeiro, não tinha trabalho a oferecer e, depois, cultivava um profundo amor à liberdade.
Foi então, que alguns, mais desesperados e mais roídos pela fome, começaram a comer pedaços do próprio corpo.
Mas isto não lhes trouxe solução, pois, quando comiam os próprios dedos, a força da enzima vital dos biocronos devolvia imediatamente ao local mutilado o órgão engolido. Passaram a trocar entre si pedaços de membros que devoravam sangrentamente. Mas também aí as peças iguais se recompunham em poucos minutos, deixando novamente vazio o estômago. Experimentaram trocar órgãos diferentes, e o resultado foi mais funesto ainda, passando a aparecer entre eles indivíduos com quatro orelhas, e outros com nenhuma, trazendo, em compensação, pendurado no nariz o pênis do vizinho. Outros tinham dois braços direitos, enquanto o parceiro exibia duas mãos esquerdas pendentes na mesma extremidade.
Mas não morriam. Cem milhões de anos que haviam armazenado em biocronos de toda a humanidade, estavam condenados a uma fome de milhares de séculos, num suplício implacável. Havia descido todas as escalas da degradação humana — sucubos, famélicos, teratológicos, cornos, antropófagos e coprófagos.
O Falanstério que, desde o início, se condoera da situação, não imaginara que ela viesse a chegar a esses extremos. Lamentava a desgraça, mas não tinha como socorrê-la, pois não produzia nada além do essencial para sua própria manutenção.
Mas o capitalismo é engenhoso e capaz de vender sua própria bancarrota. Assim é que, encurralados em sua insolvência, os milionários reuniram-se um dia em assembléia geral e tomaram uma decisão: se não era possível comprar a vida, o negócio era comprar a morte.
Foram ao Falanstério, expuseram toda a sua lancinante miséria, a perspectiva de uma tortura de milhões de anos, e suplicaram a piedade de comprar-lhes os biocronos pela metade da comida de que dispunham.
Queriam voltar à condição de mortais a curto prazo.
Queriam abreviar a vida.
Os poetas e os artistas são criaturas doces e misericordiosas. Concordaram. Ofereceram até mais do que podiam.
E foi assim que o Falanstério deu morte ao capitalismo, e os milionários, por sua vez, deram vida para sempre aos poetas. Deram, não, porque os milionários não dão nada. Venderam.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP
CEDEM

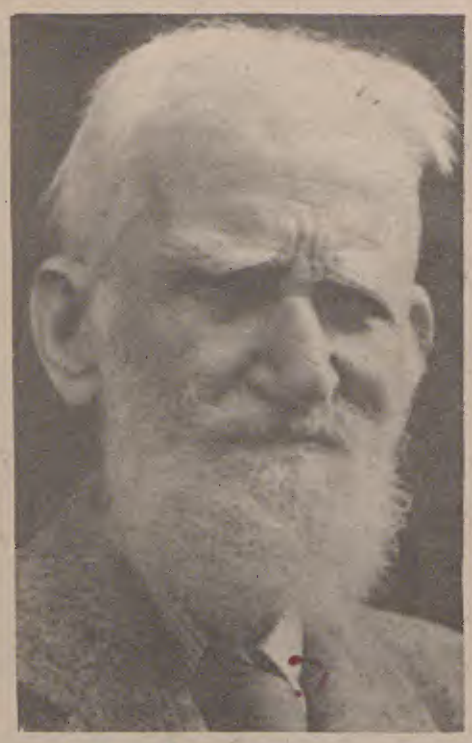
POLITIKA

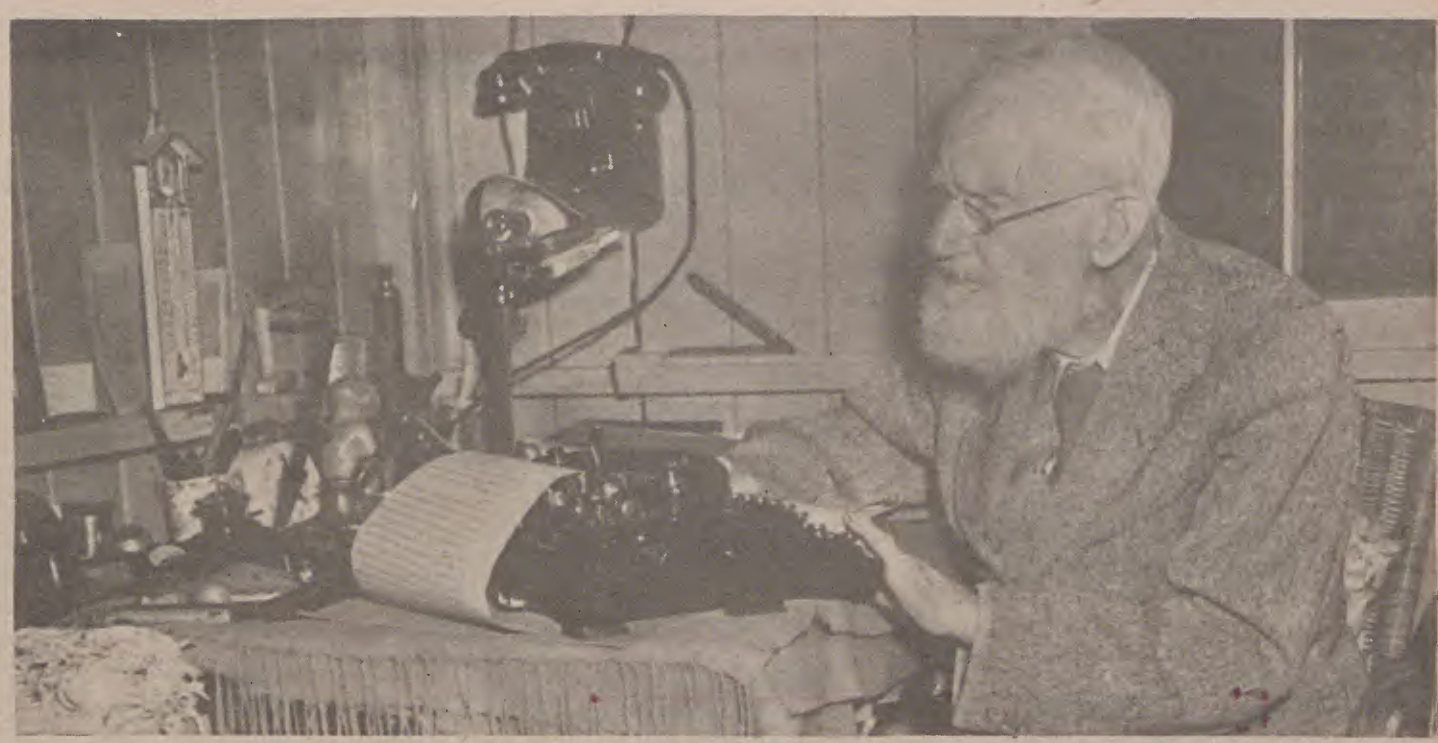
18

eu vi

Os aliados, ao fim da guerra, tinham um só objetivo: acabar com a Alemanha e, se possível, mais razoavelmente, destruir o nacional-socialismo alemão.

Murilo Marroquim





Shaw mostrou o erro dos aliados na Alemanha

NINGUÉM DESTRÓI UM POVO

Revendo os meus cadernos de notas, que escrevi durante e depois da guerra, reflito sobre a opinião de muitas figuras de projeção no campo da política, da literatura, das artes, a respeito do futuro da Europa e do mundo quando chegasse a paz. POLITIKA vai publicar muitas dessas impressões, onde o certo e o errado — hoje constatados, — têm uma significação singular.

Minha secretária na BBC, Miss O'Duffy, era uma irlandesa ainda jovem, com a ardência da idade, solteirona e com o ódio histórico aos ingleses. Com humor sinistro, me dizia a cada bomba voadora que caía em Londres: "Mais um inglês morto" . .

Mas a moça conseguiu-me uma coisa raríssima: conversar com Bernard Shaw (ela pertencia à Sociedade dos Amigos de Shaw) e receber um volume, com seu autógrafo, de algumas de suas peças de teatro. Esse volume — ou esse autógrafo — me foi roubado. Conheço o gatuno.

Mas, ouçam Shaw — se ele estava certo ou errado, na futurologia do após-guerra. As minhas notas datam de agosto de 1944, cerca de um ano antes do término da guerra na Europa.

Reproduzo-as integralmente, para que a história tenha cor e validade históricas.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

NINGUÉM DESTRÓI UM POVO

"Atos criminosos: tais termos não se aplicam à guerra. Por mais elevados como possam ser os motivos de uma guerra, são fatos e atos da maior vileza".

"Não podemos quebrar o poder de 60 milhões de pessoas. Já tentamos, em 1919. E fracassamos."

As primeiras duas semanas do mês marcaram, provavelmente, a mais trágica crise sofrida pelo *Reich* e a despeito dos esforços gerais dos estadistas, o terrível caos que se esboça poderá colher tanto a Alemanha quanto seus vizinhos mais próximos. Manobrando cautelosamente em torno de Varsóvia, os russos lançam as vigas mestras morais e políticas da Europa oriental. Investindo sobre Paris, os aliados estabelecem, pela primeira vez, pé firme no continente, para a batalha da paz.

Churchill encontra-se na Itália, com Tito e outros líderes aliados. Não se nega que as futuras decisões políticas e diplomáticas, a leste e a oeste, poderão diferenciar-se, substancialmente, das expectativas atuais. A Alemanha é apenas o centro desse novo núcleo de confabulações políticas e nele começam a destacar-se duas tendências curiosas: a russa e a anglo-saxônia, de Goering. Os aliados têm um objetivo — destruir a Alemanha ou, talvez, mais razoavelmente, destruir o nazismo alemão.

Com Himmler ou com Goering ou, bem mais provavelmente, sem ambos, qual o destino real reservado à Alemanha? As cautelas oficiais são óbvias e óbvios são também os pontos de vista particulares dos mais poderosos aliados.

Qual a posição da Inglaterra em face desta questão? É claro que não posso apresentar uma resposta oficial, mas posso enviar o ponto de vista de G.B. Shaw. Despedaçar a Alemanha para sempre?

"Falta de senso", respondeu Shaw.

E explicou:

"Não podemos quebrar o poder de 60 milhões de pessoas que falam o alemão para organizarem e manterem seus recursos militares. Tentamo-lo em 1919, e fracassamos. A tentativa produziu Hitler e uma renovação de guerra. Foi o grito de segurança, que a guerra sempre provoca. Mas não existe essa coisa chamada segurança num mundo dominado pela humanidade, que é uma espécie perigosa. O homem, sendo um animal perigoso, deve viver perigosamente. Nada podemos fazer permanentemente para extinguir a Alemanha militarista, a menos que acatemos reciprocamente a mesma disposição".

"O homem é um animal perigoso."

Shaw rebela-se contra a teoria sobre a crença de dominação mundial prussiana e responde, meio irritado:

"Não há potência no mundo mais imbuída da idéia de dominação que o Império Britânico. Mesmo a palavra *commonwealth*, como substituta de *empire*, se atravessa na garganta de Churchill, toda vez que ele quer expedi-la."

Em seguida, Shaw foi lançado pelo repórter num lugar incômodo:

"Suponha que fosse delinear a paz. Que faria para assegurar a paz e a prosperidade da Europa e do Mundo?"

Shaw respondeu rapidamente:

"Se você me dá essa tarefa e me paga razoavelmente por ela, talvez eu seja atraído e meta mãos a obra. Mas não seria melhor procurar um homem jovem? Mesmo quando eu era jovem, não me lembro de ter sido Deus Todo Poderoso."

Por fim, falou sobre as condições morais e sociais impostas à Alemanha, em conseqüência da paz estabelecida pelos aliados e também sobre a posição dos nazistas não criminosos de guerra.

"Sem dúvida, seria injurioso aos aliados e ao resto da Europa reduzir a população alemã à pobreza.

Quando capturamos um soldado alemão, depois de feri-lo, mas o tratamos exatamente como fazemos com o soldado aliado. De outra maneira, todos os prisioneiros de guerra, feridos ou não, seriam mortos. Tendo destruído cidades alemãs, com as nossas bombas, devemos ajudar a reconstruí-las em favor do nosso próprio bem-estar.

Antigamente, quando tomávamos uma cidade, ficávamos com ela para nosso Calvário. Agora, temos apenas uma Pompéia artificial. Isto quer dizer, felizmente, que a guerra se reduziu a um tal absurdo, que talvez só a compreendamos dentro de um século ou mais".

Há muito ódio concentrado e há também muito interesse inconfessável, que precisa daquele ódio. Shaw não pode argumentar com fatos não absurdos, e no parque tranqüilo de seu *cottage*, no melhor ponto da Inglaterra, o filósofo sorri com bom humor.

"Que pergunta? Que quer você dizer por atos criminosos? Por que fala em rendição incondicional e, em seguida, em rendição negociada? Nazi é uma palavra curta para o nacional-socialismo, mas não o é para todas as abelhas de colmeia de Hitler. Sem uma boa dose de nacional-socialismo, nenhum estado moderno existiria por uma semana apenas. Somos todos, hoje em dia, mais ou menos nacional-socialistas. Quanto a atos criminosos, tais termos não se aplicam a operações de guerra. Elevados, como possam ser os motivos de uma guerra, são fatos e atos sempre vis. As vinganças e as recriminações podem ser oportunas durante uma batalha, mas não seriam senão um erro, numa conferência de paz."

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

NEGÓCIOS E INVESTIMENTOS

FRANCISCO ALEXANDRIA

Não é à toa que Mário Montag, presidente da Companhia Brasileira de Pesca (*Compesca*) anda eufórico com sua empresa. Um dos homens que mais entendem do setor, Montag registrou um aumento patrimonial de 400%, de 1969 a 1971, façanha alcançada por poucas mas empresas no país. Atualmente, a *Compesca* detém um dos índices de liquidez mais altos, tendo 4,38 por um de débito.

O mesmo não acontece com o sr. Alberto Pttigliani Morango, "diretor" da Titanio do Brasil-Tibrás. A Tibrás, para o sr. Pttigliani, nada mais foi do que uma proveitosa aventura pessoal. Aventura com o dinheiro dos outros, naturalmente. Aparecendo numa época propícia do mercado de capitais, levantou quanto quis em dinheiro vivo, gastando parte com o terreno e outra parte, bem, outra parte em promoções e viagens à Europa.

Como a intenção do sr. Pttigliani Morango não era mesmo construir coisa alguma, seu negócio iria acabar como acabou, nas mãos da Bayer, indústria química da Alemanha. Apesar de dizer que "cedeu" apenas 30% das ações para o grupo alemão, sabe-se que o controle da empresa ficará com a Bayer, que tem mais (mais?) dinheiro e excelente *know how*. Considerando-se que o titânio é um dos melhores negócios do mundo, não poderemos estranhar se já no próximo ano a empresa alemã começar a fazer vultosas remessas de capital. Foi para isso que o sr. Alberto recorreu ao mercado de capitais?

Depois de assinalar que o controle efetivo do sistema bancário está em mãos de seis famílias, Fernando Portella lembrou que a Revolução de 31 de março não foi feita para substituir um Estado previdencial e anárquico por um Estado oligopolista, colocando muito poder em poucas mãos, no setor econômico-financeiro.

Anotem: não será novidade se o "*Correio da Manhã*" mudar de direção. Várias hipóteses já foram aventadas nos bastidores, inclusive a ida do ex-governador Carlos Lacerda para a direção. O que revitalizou os boatos a respeito foi a decisão do Grupo Nunes de Alencar de publicar o *Diretor Econômico* também com *Última Hora*, veículo cuja área de circulação não se interessa por um caderno inteiro de economia. O CM está arrendado até 1973.

Em matéria de comércio exterior, os exportadores brasileiros consideraram excelentes os resultados da missão oficial que foi a Bagdá e a Argel (Argélia é, depois da Argentina, o segundo país do terceiro mundo em negócios com o Brasil). O Iraque manifestou interesse em comprar do Brasil fábricas completas para a produção de cimento e para a laminação de barras de aço. A Argélia poderá importar, inclusive, veículos. Alguns modelos da Volkswagen já estão sendo testados naquele país.

Ainda sobre a questão: na medida em que o Brasil intensifica os contatos diretos com países da África e da Ásia, vão sendo eliminados os intermediários. Só ano passado a Argélia comprou vinte milhões de dólares em produtos siderúrgicos brasileiros através de firma belga. É considerada de grande importância a visita que o chanceler Mário Gibson Barbosa fará à África, no meio do ano.

Responsável por grandes projetos de engenharia, como a Transamazônica e por levantamentos como o RADAM, a LASA começou muito bem o ano. Seus técnicos vão projetar a Perimetral Norte, conjunto rodoviário quase três vezes maior do que a Transamazônica. Com 4.400 quilômetros, a Perimetral passará por três Estados e dois territórios, ao longo da fronteira nordeste. Outro grande projeto de importância é o do Porto de Rio Grande, em consórcio com a SGTE francesa. Dirigida pelo engenheiro Paulo Corrêa de Barros, a LASA tem em sua diretoria nomes da experiência do professor Magarino Torres, e dos engenheiros Marcos Ribeiro Dantas e Mário Galvão.

Seis embaixadores dos países árabes no Brasil foram receber o petroleiro *Rumália* (Basrah), que fez sua primeira viagem de Argel para o Rio, sem sequer conhecer o Iraque, país para o qual foi construído em estaleiro espanhol. A viagem do navio iraqueano ao Rio foi de grande importância para as nações árabes, pois ele é o primeiro de linha internacional adquirido por aquele país e o maior do mundo árabe. De 30.000 toneladas, o *Rumália* trouxe em sua primeira viagem 30.700 toneladas métricas de petróleo para as refinarias da Petrobrás.

O arquiteto H.J. Cole, ex-superintendente do SERPHAU, lançou-se com o peso de sua experiência na área do turismo. À frente de *Casatour*, organização que lança no Brasil o sistema de férias em casa, Cole bolou também o passaporte branco, destinado às empresas, como uma alternativa às colônias de férias, apontadas como investimentos caros e de custosa manutenção.

Lacerda

Tendo a Ischikawagima do Brasil, entre seus clientes, o economista Hisatoshi Ishii, diretor da Monte Engenharia, especializada em montagem e estruturas, está conquistando definitivamente o mercado e se impondo junto aos estaleiros navais. A Ischikawagima recebe o assessoramento técnico da Monte Engenharia.

Quem não pára entre o Rio e São Paulo, com cadeira cativa na ponte-área, é o empresário Linaldo Uchoa de Medeiros, presidente do Grupo Lume. É que seu conglomerado, depois de se consolidar no Rio, onde seus investimentos vão de vento em popa, estendeu seus negócios à capital industrial da América Latina.

A propósito do Grupo Lume: a Nova York, que já era a maior empresa imobiliária da Guanabara, está se consolidando em São Paulo, Recife e Brasília, o que leva a prever que ela poderá se converter na maior empresa do setor em todo o mundo, em volume de negócios.

Para se ter uma idéia de grandeza da Nova York, basta tomar o super-Shopping Center que lançará em breve. O terreno, já comprado, é três vezes maior do que a Praça Saens Peña. E a verba de publicidade prevista para o lançamento é de seis bilhões de cruzeiros antigos, maior do que o capital de muitas firmas que se dizem grandes.

Hoje, sexta-feira, toda a cúpula do Grupo tem reunião no Rio. Em pauta, assuntos relacionados com a expansão do conglomerado. Para isso, já estão na Guanabara vários diretores das empresas Lume em Recife, Fortaleza, Brasília e São Paulo.

Está ficando "jóia" a nova sede do Grupo Brastel, na Gonçalves Dias. Ali ficará instalado o alto comando do grupo, chefiado por Assis Paim. A Brastel, independente de dar contribuição marcante no setor de eletrodomésticos, vem se expandindo a plenos pulmões em outras áreas. O grupo participa atualmente de empreendimentos de importância como processamento de dados, financeiras, publicidade, reflorestamento e varejo.

Apesar da procura inicial, a tendência das fábricas de televisão é reduzir a produção já nos próximos meses, o que não parece novidade. Com os preços cobrados, não há quem possa pagar. Tem muita gente apelando para as importações, pois o aparelho custa a metade lá fora.

É a velha história do carro nacional, cujo preço dobra o do carro estrangeiro. O Volks custa nos Estados Unidos, que o importam, mil e quinhentos dólares. Aqui, não se compra um fusca por menos de três mil. Já que não deram jeito nos automóveis, pelo menos arranjem uma forma de vender *tv* mais em conta.

Daqui a uns dias, Sócrates Bonfim estará vivendo um dos dias mais importantes da sua vida: é a inauguração da Siderúrgica do Amazonas – SIDERAMA – à qual dedica todo o seu talento e dinamismo. Um dos mais competentes conhecedores de minério, Sócrates tem se mostrado incansável, viajando de Manaus para o Rio e voltando num ritmo impressionante.

Vem obtendo a mais ampla repercussão a declaração do presidente do Banco Central, Ernane Galvêas, sobre as modificações previstas no decreto 157, destinadas a reformular a mecânica funcional e operacional principalmente das bolsas de valores.

Galvêas é dos que não dormem de touca e vive de olhos arregalados para evitar que elementos aventureiros tentem fazer foturna da noite para o dia, tumultuando as diretrizes do Banco Central. As operações de "underwritings" – apenas para citar um exemplo – têm merecido especial atenção das autoridades do Banco Central. Posso adiantar que os nomes de muita gente já estão no caderninho amarelo. Se passarem para o vermelho, será fogo.

Empresário fora de série, Artur Jordão, presidente da Fábrica de Móveis de Arte Famoar, vem trabalhando ativamente para desenvolver os negócios de sua empresa, com vistas à exportação, atendendo assim a uma das diretrizes do governo: intensificar as exportações.

Dando grande importância ao setor, Artur Jordão fundou a primeira *trade company*, que opera em Nova York. A "Brazilian Development Corporation" – DEBRAS – atende, não apenas ao grupo, mas também a todo o setor de exportação do Brasil.

Excelente o resultado financeiro no último exercício da Petrobrás, registrando uma expansão de vendas de 41%. A empresa faturou em 1971 Cr$ 9.357.032 mil, contra Cr$ 6.638.718 mil, em 1970. O lucro líquido de vendas, deduzidos os impostos, foi de Cr$ 5.394.945 mil, 45% a mais do que no ano anterior. As operações industriais e comerciais desenvolvidas no ano antes de processadas as amortizações, deixaram o lucro de Cr$ 1.491.527 mil.

Antes da provisão para o Imposto de Renda, o lucro auferido alcançou Cr$ 1.246.571 mil, excedendo em 69% o registrado no exercício anterior. Com a reversão do lucro acumulado em 1970, o total agora é de Cr$ 1.789.320 mil. A empresa propôs a distribuição de Cr$ 641.209 mil, ficando o restante como lucro acumulado do exercício. Só em dividendo serão distribuídos Cr$ 392.415 mil.

Ainda sobre a Petrobrás: dá gosto parar num dos postos da empresa para abastecer o carro. Independente de você contribuir para a nossa independência econômica, – a Petrobrás não manda dinheiro para o exterior – estará também recebendo melhor serviço, a cargo de pessoal treinado e tem a certeza de que a gasolina vendida ali não é "batizada".

Trabalhando em silêncio, apesar de não ser mineiro, o presidente Ernesto Geisel vem se revelando um administrador de mão cheia. Avesso a todo tipo de publicidade pessoal, Geisel tem sido apontado como o mais competente presidente que já passou pela empresa, o que não é novidade.

MINAS VALORES
CORRETORA S.A
Rua Ouvidor, 108 — tels. 232-3599/231-3518/231-3519

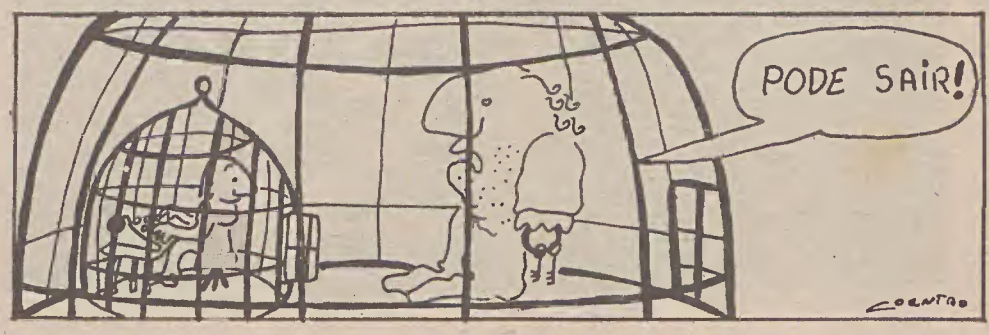
BANCO MINEIRO DO OESTE
DE INVESTIMENTOS
Av. Rio Branco — 50. andar — tel. 231-3777

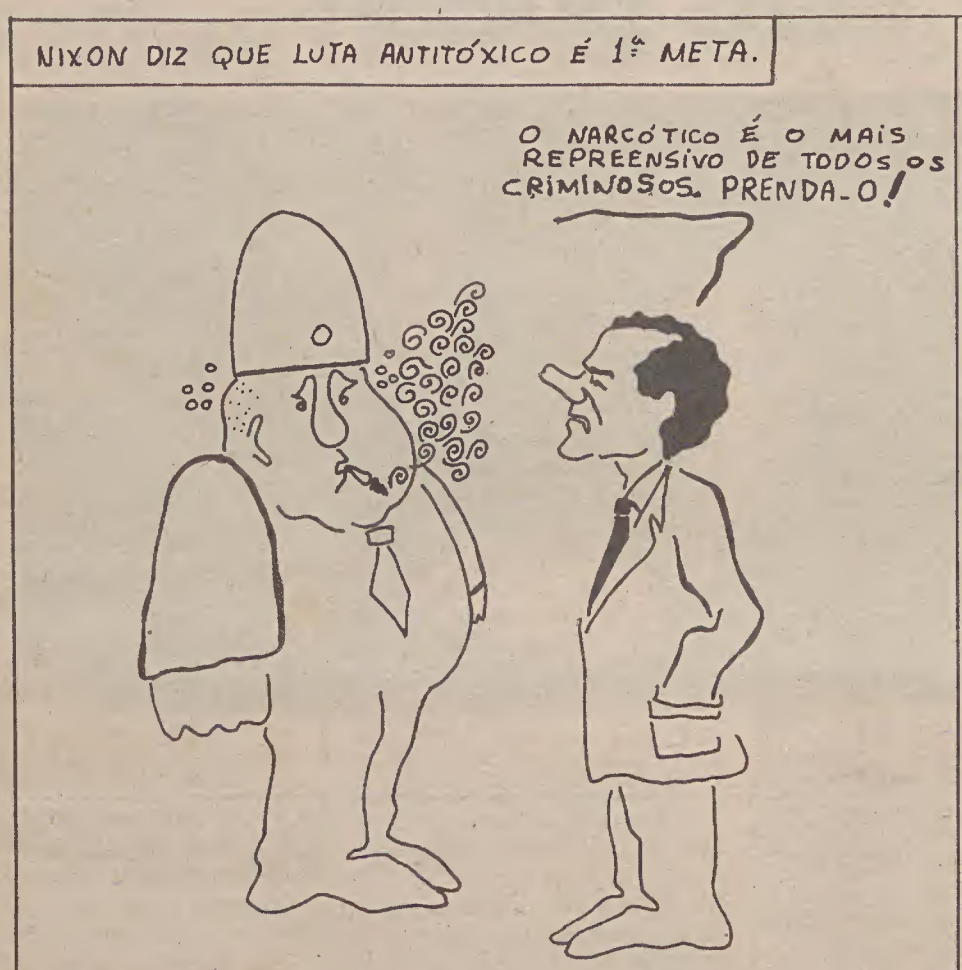
FINANCILAR
CIA. DE CRÉDITO IMOBILIÁRIO
UMA EMPRESA DO GRUPO EMPRESARIAL LUME
Sede: Av. Nilo Peçanha, 151 - 5o./6o. andar

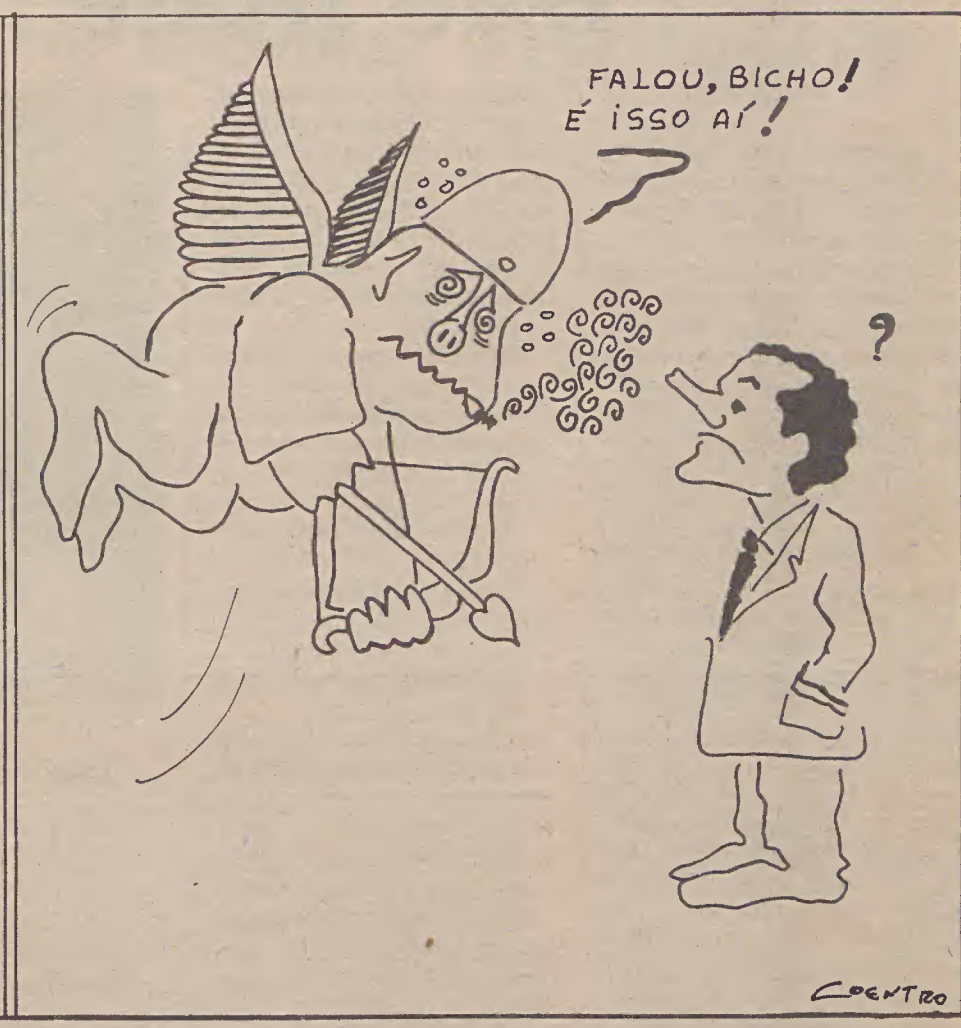
SOCIEDADE FINANCEIRA COROA S.A
CRÉDITO FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO
Rua Gonçalves Dias, 76 - 2o. andar

POLITIKA
21
charge

coentro







POLITIKA

22

koluna do Paskoal

Nelson Freire

Paschoal Carlos Magno

Não pode! Não pode!

Rio, 2 de setembro de 1957.

Quando cheguei para a última prova do I Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro, encontrei na porta do Municipal um grupo numeroso de estudantes. Como acontecera com as outras provas, pediam-me que autorizasse a entrada de cada um. Era eu o patrono desse admirável certame, que centralizava a atenção de toda a cidade, de todo o país. Até motoristas, parados nos seus **pontos**, *acompanhavam as provas pelo rádio. Os programas de rádio — mesmo os mais populares — eram superados pela irradiação do Concurso. Cada candidato tinha uma torcida imensa de entusiastas. A finalíssima atraíra três ou quatro vezes mais que a capacidade do Municipal.*

Minha frisa tinha mais de quinze pessoas. Cada candidato era recebido com um fragor de aplausos. Ao terminar seu número dez, vinte chamadas. Não havia mais uma cadeira, um balcão nobre, um balcão simples, uma galeria. Era natural que os estudantes pudessem entrar — deliberei. Podiam ficar sentados nos degraus de acesso aos balcões nobres e simples, às galerias. Havia lugar para que permanecessem de pé na entrada e saída das diferentes áreas da platéia. Mandei-os entrar. Tinha autoridade para fazê-lo, pois, como patrono do Festival, muito auxiliara essa extraordinária e abnegada Haidée Lázzaro (1) para a sua realização.

Ao chegar à minha frisa, vejo que vão aos poucos tomando lugar na entrada e saída da platéia, encostados ao muro das frisas, arranjando um canto qualquer, mesmo que desconfortáve junto à orquestra, encarapitados lá no alto, ou de pé, atrás de balcões, camarotes, galerias. Vejo os camarotes frisas, que deixam suas portas abertas para que esses moços possam olhar o palco, ouvir mais à vontade. Uma grande e nobre solidariedade brasileira. Não percebo, porém, que alguns policiais foram chamados para enxotá-los.

Guiomar Novais, a nossa única e grande Guiomar Novais, que está na frisa ao lado da minha, é que me chama a atenção para o fato:

— Não vão deixar os moços . . .

Não acabou a frase. Porque gritei, como se tivesse vinte anos novamente:

— Não pode! Não pode . . .

Nesse instante, João de Lima Pádua, diretor do Municipal, me aparece na frisa, para ponderar com elegância de gesto e voz, que a presença dessa gente toda, de pé, na platéia, violava o regulamento do teatro e perturbava, sem dúvida, os que tinham pago seus ingressos.

— Se eu falasse ao público ? — disse-lhe rapidamente.

Não se opôs. Firmei as mãos no peitoril da minha frisa. Era tão estudante como os que estavam ameaçados de serem expulsos da platéia. E falei alto.

— Minhas Senhoras. Meus Senhores:

Um grande silêncio acolheu minhas palavras. Gente atenta me ouvindo lá de cima. Gente das frisas, dos camarotes, sem mover um programa, um leque. Gente na platéia, sem respirar. E soltei meu apelo. Havia uma ordem para retirar da platéia todos aqueles moços, cuja presença não perturbava a vista nem o ouvido de pessoa alguma. Seria justo mandá-los embora? E a platéia inteira, uníssona:

— Não! Não!

Depois dessa negativa, uma ovação prolongada.

João de Lima Pádua, ao meu lado, sorri:

Juscelino e dona Sara

— Se o público aprova, que pode fazer um diretor de Teatro?

E acrescenta:

— "Posso" ficar também na sua frisa?

Aponta-me a frisa do diretor:

— A minha está de lotação esgotada.

Olhei. Devia ter mais trinta jovens se comprimindo nela.

Na véspera da prova final, conduzi o Presidente Juscelino Kubitschek ao teatro. Chegamos com um atraso de dez minutos ao início do recital. Os policiais já tiravam os cordões de isolamento. Subimos, apressadamente, para o primeiro andar, a caminho do camarote presidencial. A grande sala já estava toda de luzes apagadas. A orquestra, a postos. Quando o Presidente apareceu no seu camarote, acompanhado de Dona Sara e de suas filhas, o público o saudou calorosamente. E a orquestra executou o Hino Nacional. Novos aplausos. Os candidatos, particularmente os russos, o vienense, o português, o francês, são recebidos e aplaudidos demoradamente. Verdadeiro delírio.

Há também os brasileiros, quase adolescentes, que impressionam e entusiasmam a platéia. Num dos intervalos, aparece no palco para anunciar que o Presidente Juscelino Kubitschek concederá três bolsas de duzentos dólares mensais, durante dois anos e passagem de ida e volta à Europa aos três brasileiros que figurassem na lista dos finalistas. Creio que espectador algum ficou sentado, depois desse anúncio. Todos de pé aclamavam o Presidente. Quando voltei ao camarote, o Presidente Juscelino me disse sorrindo:

— Quem concedeu as bolsas? . . .

— Foi o Senhor, Presidente.

— Eu? Gostei do gesto. Agora você, devidamente autorizado por mim e pelo povo, vai destrinchar essas passagens e esses dólares no Ministério do Exterior e no Ministério da Educação.

Gastei aproximadamente dois anos para obter o cumprimento da promessa presidencial. Ministro das Relações Exteriores, o embaixador Negrão de Lima resolveu, finalmente, depois de minha pertinaz insistência e diante de artigos que surgiam na imprensa sobre o assunto, conceder as passagens e os recursos das bolsas.

Os bolsistas são atualmente os famosos Nelson Freire (Prêmio do Concurso Internacional de Piano, Viana da Mota, de Lisboa), Artur Moreira Lima (Prêmio do Concurso Internacional de Piano Chopin, de Varsóvia) e Fernando Lopes (Prêmio do Concurso Internacional de Piano de Genebra).

(1) A Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Guanabara realizou, em 1969, um Concurso Internacional de Piano. Anunciaram-no como o "primeiro certame dessa natureza, quando, de acordo com os que foram realizados por Haidée Lázzaro, devia ser o "quarto". Omitiram a importância dos outros. Não convidaram a pioneira nem mesmo para oferecer-lhe uma poltrona. Poucos sabem que, para realizá-los, Haidée Lázzaro sacrificou saúde, bens materiais e até vendeu os pianos de seu conservatório de música.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

POLITIKA
23
korreio

A Editoria

Arthur Vasconcelos é nosso vigilante

Arthur Vasconcelos (Rua Visconde de Itamarati, 149 – GB). Em duas cartas se confessa confiante e vigilante de nosso trabalho. Em sua primeira carta, de 21 de fevereiro, apresenta parabéns ao Fritz "um cara bom de humor". E mais adiante: "Sempre que compro POLITIKA (o compro sempre!) vou direto ao Expediente, que, nesses 18 números, tem sido de variada leitura". A 14 de março, volta Arthur com outra carta: "De novo (e não pela última vez) aqui estou. Confiando em vocês, mas sempre vigiando. Eu não disse que a leitura do expediente de POLITIKA é interessante pelas novidades que costuma apresentar? Saiu o Caó e apareceu o Mury Lydia. Não gostei da primeira colaboração do Lydia. Muito fracota a matéria sobre futebol. O cara desperdiçou um bom assunto. Há tempos, Mury Lydia surgiu na "Tribuna da Imprensa" como um muito bom colunista sindical. Era a melhor coluna sindical da GB, provavelmente do Brasil" ... E prossegue "ótima a "koluna do Paskoal". Muito interessante a matéria do Art Buchwald. Não vou elogiar o Oliveira Bastos. Dele sou "macaca de auditório" há muito tempo".

Caro Arthur, estamos muito satisfeitos com sua vigilância e confiança. Suas cartas mostram que você é, de fato, um leitor atento. As mudanças que você tem notado no expediente do jornal são normais nesta fase de implantação, de busca do ideal. Não se surpeenda. O Nery agradece a colaboração para o "Folklore" e oportunamente a aproveitará.

Roberto de Souza (Av. Leovigildo Filgueiras, 10, apto. 106, Salvador-Bahia) – "Tenho um pedido a fazer: uma entrevista com um dos mais esclarecidos educadores brasileiros.

Trata-se do professor Paschoal Lemme, homem que angariou a simpatia de todos os estudantes do Brasil ao manifestar-se de maneira corajosa e responsável sobre problemas básicos de nossa educação. Ele tem, para nós estudantes, a mesma importância de Paschoal Carlos Magno. Não é preciso acrescentar mais nada. Acredito, neste momento, estar representando o desejo de milhares de estudantes da Bahia e de outros Estados."

Roberto estamos estudando seu pedido. Oportunamente, faremos a entrevista pedida.

João Botelho (Rua Domingos Ferreira, 149/905, Copacabana-GB). "Caro conterrâneo e amigo Oliveira Bastos. Afetuoso abraço. Envio-te, bem assim aos nossos distintos confrades de POLITIKA, os mais efusivos agradecimentos, em nome do prezado presidente da CNDDA, Gen. de Div. Tácito Reis de Freitas, no meu próprio, face à transcrição, com destaque e na íntegra, do oportuníssimo trabalho da distinta colega Irene Garrido Filha, (geógrafa do IBEG, com especialização de estudos no exterior, estampado no número seis da "Comissão Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia". Esta nossa entidade, dentro em pouco, segundo programamos, dará à estampa, em um volume, os cinco primeiros Cadernos, cuja publicação levarte-ei, com prazer, com outros exemplares aos teus companheiros de redação e de empreendimento jornalístico, aliás, ao meu entender, insuperável na espécie."

Obrigado João Botelho. Estamos esperando sua visita.

Azevedo Rolim (Av. Santos Dumont, 190, Rio Bonito – RJ) Velho lidador das letras e jornalismo... "Por tudo isso e muito mais de que temos conhecimento, é que lhes vimos trazer, com todo o nosso entusiasmo de consciente interiorano capixaba, nossos desvaliosos mas sinceros e eufóricos aplausos pelo importante jornal que lançaram e tão vigorosamente dirigem. POLITIKA é o jornal de que o Brasil mais do que nunca precisava, surgindo no momento exato, na hora certa. Temos certeza absoluta de que já a esta altura POLITIKA está sendo disputado por todos os que, da mesma forma que seus dirigentes, sendo brasileiros autênticos, querem a verdade dos fatos e acima de quaisquer outros interesses.

Infelizmente, dado o nosso misantropismo e o fato de não termos nas bancas jornaleiras daqui esse precioso informativo, temos conosco apenas os números 13, 18 e 19 de POLITIKA. Mesmo assim, os últimos, graças a um amigo oculto que no-los tem enviado. Solicitamos aos nossos nobres confrades, se possível, por reembolso postal ou meio outro que se lhes ofereça, que nos façam enviar os números que nos faltam, isto é, 1 a 12 e 14 a 17, vez que, de agora em diante, mesmo que o generoso amigo aludido nos falte com suas remessas, haveremos de encontrar meios para adquirir o jornal em seus números subseqüentes."

Azevedo Rolim, os números pedidos já seguiram pelo reembolso postal. Obrigado pelo incentivo.

Norival Machado (Rua João Teodoro, 458, bairro Pari – SP). "Tenho mania de recortar dos jornais os artigos e notícias que mais me interessam, notadamente no campo da sociologia política. Mas, com POLITIKA isto não foi possível: guardo o jornal inteiro, pois, nada nele é dispensável. Assim é que tenho guardado todos os números com o maior carinho e faço questão de ter minha coleção completa.

Em virtude disso aqui vai meu primeiro pedido: que me enviem o no.9, pois é o único que falta em minha coleção". Em segundo lugar, pediria um grande favor: que me fornecessem o endereço do "CEAS" a fim de que eu possa manter uma correspondência com tal instituto, pois, na qualidade de estudante de sociologia, interessei-me bastante pelas atividades dessa instituição..."

Norival, o no.9 de POLITIKA já seguiu pelo reembolso postal. Quanto ao endereço do CEAS – Centro de Estudos e Ação Social é o seguinte: Avenida Princesa Leopoldina, 9, Graça, Salvador, Bahia.

Jorge Llagostera (H-8, apto. 323, C.T.A., São José dos Campos – SP) "Gostamos de POLITIKA e queremos saber se é possível fazer uma assinatura, qual é o preço e como deve ser feito o pagamento".

Estamos criando o nosso departamento de Assinaturas. Brevemente publicaremos as instruções para assinantes do interior. Por enquanto só fazemos assinaturas para a Guanabara. Dentro de alguns dias ampliaremos o serviço. Aguarde. Enquanto isso, vá comprando POLITIKA nas bancas de São José dos Campos.

MOACYR VALLIM DE FREITAS (Av. Magalhães Pinto, 735 – Coronel Fabriciano, Minas) – Acabo de adquirir em Belo Horizonte o número 18 de POLITIKA. Era o último exemplar à venda nas bancas. Compro o jornal desde o primeiro número. Tenho-o adquirido no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Governador Valadares, Recife, em virtude de estar permanentemente viajando, em função de meu trabalho. Aqui em Coronel Fabriciano só chegaram alguns, dos dez últimos números. O último a chegar aqui, me parece, foi o 14. Os problemas de distribuição, reconheço, são imensos. Mas, que diabo, vamos dar uma apertada na DIJOLIR? Numa semana chega um reparte de, digamos, 40 exemplares para Coronel Fabriciano, Ipatinga, Acesita, Timóteo, Mello Viana. Depois, algumas semanas de descanso, e a DIJOLIR se lembra de nós e manda. Vocês hão de reconhecer que isso acaba enchendo o saco de qualquer cristão. Em minha coleção faltam os números 13 e 14, que não consegui adquirir. Poderiam enviá-los? E como deverei fazer o pagamento?"

** Obrigado, Moacyr, pelas críticas. Encaminhamos sua carta à DIJOLIR e já mandamos os números 13 e 14 para sua coleção. Neste continente de 4 mil municípios, que é o Brasil, já estamos chegando a mais de mil. Não há, no País, cinco publicações que já tenham atingido mais de mil cidades. Por aí você compreende o esforço que estamos fazendo. Nós e a DIJOLIR.*

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

E O CONGLOMERADO

EDI-TORA LTDA.

Diretora
PHILOMENA GEBRAN
Endereço:
Av. Rio Branco, 133 – grupo 1601
GUANABARA

POLITIKA

Direção:
SEBASTIÃO NERY

Editor
JORGE FRANÇA

Editor-Assistente
MURY LYDIA
Arte
ANTONIO CALEGARI
Humor
FRITZ
COENTRO

Fotos
TRIBUNA DA IMPRENSA,
O JORNAL e O CRUZEIRO.

Distribuição
DIJOLIR

R. Clarisse Índio do Brasil, 30
Guanabara

POLITIKA é composto em máquinas eletrônicas IBM e impresso na Gráfica Editora "Jornal do Commercio"

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP
CEDEM